

TEXTOS DE PE. ANTONIO RIVERO, LC

(Doutor e professor de Teologia e Oratória no seminário Mater Ecclesiae de São Paulo)

Como melhorar nossa pregação sagrada

(08/11/2013)

Quero colocar um ponto final nesta série de artigos sobre como melhorar a pregação sagrada. Seria o primeiro passo de um projeto que vai acabar em livro, se Deus quiser. Eu prometo, em breve, uma segunda etapa sobre aspectos mais técnicos, psicológicos e sociológicos da oratória. Em suma, tratarei destas questões, que ficaram no tinteiro:

Aspectos psicológicos: como dominar os nervos e superar o medo e a timidez, como ganhar segurança e confiança pessoal para falar em público.

Aspectos físicos: como respirar, articular e impostar a voz.

Aspectos sociológicos: como se apresentar em público. Maneiras certas e erradas.

Aspectos técnicos da ação oratória: expressão gestual, manual, corporal.

Uso dos recursos audiovisuais: quadro branco, flip chart, retroprojetor, projetor multimídia, slides, vídeos, vídeo -conferência e auxiliares de áudio.

Oratória Individual: discursos comemorativos (paraninfo), de boas-vindas, de augúrio, via rádio ou TV.

Oratória deliberativa: entrevista de jornal, painel de discussão, simpósio, debate, fórum, simpósio, conferência, reunião, reuniões profissionais, etc.

Já que alguns de vocês me pediram bibliografia, sugiro alguns livros que me ajudaram e me inspiraram na elaboração desta coluna sobre pregação e durante meus anos como professor desta matéria de oratória. Alguns são em espanhol e outros em Português. Se alguém souber de livros em outras línguas, tenham a bondade de me informar.

Em espanhol:

ARISTÓTELES, *Retórica*, Instituto de Estudios políticos, Madrid 1990.

CICERÓN, *Sobre el orador ("De oratore")*, Alianza, Madrid 1997.

CICERÓN, *El orador ("Orator")*, Alianza, Madrid 1997.

PLATÓN, *Fedro*, Labor, Barcelona 1998.

CALVO BECA, Manuel, *El orador y el discurso. Arte y partes de la pieza oratoria*, Dólar, Madrid 1978.

QUINTILIANO, Marco Fabio, *Instituciones oratorias*, Hernando, Madrid 1987.

GUEVARA, Frank, *La locución, técnica y práctica*, Oriente, Santiago de Cuba 1984.

JANNER, Greville, *Cómo hablar en público*, Deusto, Bilbao 1993.

PEDRAZ, Juan L, S.I., *Los resortes psicológicos de la persuasión en la oratoria*, Sal Terrae, Santander 1964.

PENAGOS, Luis, S.I., *Oratoria Sagrada hoy*, Sal Terrae, Santander 1964.

PEÑALOSA, Joaquín Antonio, *Manual de la imperfecta homilía*, Obra Nacional de la Buena Prensa, A.C., México 2000.

RODRÍGUEZ BRAVO, Ángel, *La construcción de la voz radiofónica*, Tesis doctoral, Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Autónoma de Barcelona, Bellaterra 1989.

ORTEGA, Alfonso, OFM, *Retórica: el arte de hablar en público*, Madrid 1989.

CARNEGIE, Dale, *Cómo hablar en público e influir en los hombres de negocios*, Edhasa, Barcelona 1986.

CARNEGIE, Dale, *Cómo ganar amigos e influir sobre las personas*, Edhasa, Barcelona 1999

MERAYO, Arturo, *Curso práctico de técnicas de comunicación oral*, Tecnos, Madrid 2008.

ALENCAR, Alexander Alban, *Oratoria: el arte de hablar en público*, Marketing Mix Editores, Lima, Perú.

VALLEJO-NÁJERA, Juan Antonio, *Aprender a hablar en público hoy*, Planeta, Barcelona 1998.

Em português

CÍCERO, *As catilinárias*, Martin Claret, São Paulo 2006.

CLÁSSICOS CULTRIX, *Eloquência grega e latina*, Editorial Cultrix, São Paulo 1968.

OLIVEIRA (DE) DIAS, Pe José, S.I., *Novo curso de oratória sagrada*, editora Apostolado da imprensa, Praga 1948.

RAMOS, Admir, *Fale em público, curso de oratória*, CIA Brasil Editora, São Paulo 1999.

Biblioteca prática do executivo, técnicas de comunicação e expressão oral, editora Amazonas Ltda.

BROWN, Charles T., *Introdução à eloquência*, editora Fundo de Cultura S.A, Rio 1961.

PIRES DA SILVA, Dercides, Oratória sacra, Editora Cancão Nova (dois volumes).

WEISS, Donald, *Como falar em público*, Editora Nobel, 1999.

FRANK, Milo O., *Como apresentar as suas ideias em 30 segundos ou menos*, Editora Record, Rio Janeiro 1986.

POLITO, Reinaldo, *Como falar corretamente e sem inibições*, de Reinaldo Polito, Editora Saraiva, São Paulo 1995.

POLITO, Reinaldo, *Como se tornar um bom orador e se relacionar bem com a imprensa*, editora Saraiva, São Paulo 2002.

POLITO, Reinaldo, *Assim é que se fala*, editoria Saraiva, São Paulo 1995.

BOWDEN, John, *Falando em público*, editora Negócios, São Paulo 2000.

BARBEIRO, Heródoto, *Falar para liderar*, editora Cultura, São Paulo 2003.

NETO, Fermino, *Fale em público sem medo*, editora Gryphus, Rio Janeiro 2000.

Como avaliar um orador e pregador

(04/11/2013)

Se quiséssemos colocar aqui os pontos principais para se avaliar um orador – seja esse político ou religioso -, poderiam ser estes:

1. Relaxamento físico e mental: para livra-se de preocupações, nervosismos, tensões, medo, timidez, insegurança...

2. Concentração física e mental: partir com um intervalo de concentração, como o pianista, para entrar no papel que realizará e no tema que vai expor.

3. Posição física: busto ereto, tronco erguido, cabeça ligeiramente elevada, não encolhida ou para baixo. Apoiar-se bem nos calcanhares, quando se está de pé. Sentar-se com as costas bem apoiadas no encosto da cadeira, como o datilógrafo ou o tenor. Manter todos os músculos relaxados, sem rigidez, mas também sem abandono, e sim com uma certa tensão.

4. Respiração diafragmática: rítmica e profunda. Com a boca, melhor do que com o nariz, para fazê-la mais rápida e sem ruído. Economizar bem o ar, especialmente nas frases cumpridas, para chegar ao final com a energia certa e sonoridade. Fazer bem e aproveitar ao máximo as pausas.

5. Aparência pessoal: olhar comunicativo com o auditório, não voltado para o teto ou o vazio. Estar seguro de si mesmo, sem nervos, tensões ou rigidezes. Evitar movimentar-se muito ou balançar o corpo, os tiques. Buscar a elegância e a naturalidade. O entusiasmo e a sinceridade na expressão do rosto e dos gestos é o que mais convence. Para fazer isso, que os gestos sejam harmoniosos e plásticos, nem muito rápidos e nem muito pomposos.

6. Emissão da voz: da garganta, nariz, peito, cabeça? Conhecê-la e não se lamentar da que se tem ou invejar vozes alheias, mas estudar a própria e educa-la para aproveitá-la ao máximo. Subir ou abaixar o volume de acordo com as exigências dos argumentos e ater-se às dimensões do local, porém sempre dentro dos limites da própria natureza: não força-la. Procurar um tom moderado e natural, nem grave e nem agudo. Evitar a monotonia e tons melosos e paternos, doce demais ou ásperos, ditatoriais, dogmáticos, solenes, “políticos” ou de efeitos. Evitar tons ou regionalismos. Entoação afinada e entoada, de acordo com os cânons da entoação. Ponto de partida “sustentado” e com garra, com tom vibrante e confiante.

7. Memória: Se a fala ou discurso não foi decorado, ao menos memorizar um esquema básico com os seus pontos-chaves. Se for pronunciado de cor, fazê-lo perfeitamente, ensaiando-o várias vezes e em voz alta antes da sua apresentação. Fazer de tal forma que o auditório não note que sabemos de cor.

8. Sentimentos: Ter a certeza do que se vai falar para poder senti-lo e declamá-lo com calor, sentido, confiança, ressonância, entusiasmo e sinceridade. Sair de si mesmo contra a inibição ou timidez. Variedade de tons e de volume para evitar a monotonia, mas com moderação e discrição: Evite gritar ou teatralizar. Estudar o discurso e os seus sentimentos antes de pronunciá-lo. Conhecer o auditório para tratá-lo com doçura, amizade, convicção, energia, conforme o exija a problemática.

9. Ritmo e velocidade: pronúncia nem muito lenta e nem muito precipitada. Conseguir uma dicção repousada e clara e ao mesmo tempo ágil e variada. Vocalizar com cuidado as palavras difíceis, as consoantes duplas e as sílabas finais. Enfatizar as palavras-chaves e as ideias principais.

10. Expressão gramatical: correção gramatical e sintática. Precisão e expressividade no vocabulário. Riqueza de léxico, mas tendo em conta o auditório, a situação e o argumento. Evitar o vocabulário pedante, técnico ou erudito. Alguns defeitos de dicção: anacolutos, pleonasmos, cacofonias, “ehhh”, tropeços, regressões, hesitações...

11. Introdução-exórdio: atraente e interessante para aguçar o apetite do auditório e condicioná-lo a escutar o resto do discurso. Pertinente e unido ao resto do discurso. Tocar o problema do auditório para que se sinta aludido, para captar sua atenção. Originalidade, mas sem raridades, vulgaridades ou extravagâncias.

12. Fundo: plano e organização do tema: conhecer, amar o auditório. Fim concreto e presente ao longo de todo o discurso ou homilia. Esquema claro e ordenado dos motivos mais válidos e concretos para esse auditório concreto e para esse fim concreto. Valorização de tais motivos e provas. Previsão e resposta de possíveis objeções. Dar preferência aos argumentos positivos mais do que aos negativos. Não atacar o auditório, mas compreendê-lo e estimulá-lo.

13. Forma: quanto mais sensibilizar os argumentos e razões melhor, aplicando os vários métodos (concreção, visualização, desenvolvimento, dramatização, imagens, anedotas, citações...), de acordo com o efeito que se quiser conseguir. Evitar que a forma asfixie o fundo, bem como fazer literatura e retórica pomposa. Não sobrecarregar com muitos dados, imagens, exemplos, citações ou anedotas. Discrição e seleção no seu uso, para integrá-los harmônica e equilibradamente com o fundo de ideias.

14. Conclusão-peroração: recapitular brevemente todas as idéias. Formulá-las em uma breve frase, como um slogan, para que o auditório tenha claro e lembre facilmente o fim. Acabar sempre com elegância e pé direito, com a maior clareza e beleza, para deixar um bom sabor de boca. Fazê-lo na hora certa.

Conselhos práticos para oratória e pregação

(25/10/2013)

QUANTO À FORMA

Adotar um *tom ameno e simples* em todo o discurso.

Evitar o perigo de fazer literatura, descuidando o caráter persuasivo do discurso.

Sensibilizar os argumentos: quanto mais, melhor.

Aplicar os diversos métodos de sensibilização (concretização, desenvolvimento, visualização, dramatização) escolhendo bem o afeto que se quer despertar.

Não se exceder nas enumerações nem cansar com exemplos excessivos.

Evitar os lugares comuns, as frases feitas.

Diante de imprevistos (barulhos, microfones...), agir com humor e elegância, para controlar o nervosismo e a eventual irritação.

É mais fácil e eficaz falar sem ler. Mas se não houver remédio:

- Imprimir os textos com espaçamento duplo.

- Olhar alternadamente, com naturalidade, para o papel e para o rosto dos espectadores.

- Trazer já sublinhados no papel o início dos parágrafos e as ideias mais importantes.

Vídeos e apresentações:

Ponto positivo: Vale mais uma boa imagem do que mil palavras, é verdade. O principiante se entusiasma com as ajudas visuais.

Ponto negativo: Vale muito mais, porém, uma mensagem pessoal, transmitida com toda a pessoa, em palavras e gestos, do que todos os vídeos juntos. Usando slides, não vejo os rostos do auditório nem o auditório vê o meu. Acontecem falhas técnicas. Atrapalha-se a passagem dos assistentes. A visão das últimas filas é ruim. Se mesmo assim você usar vídeos, chegue antes e ensaie tudo primeiro.

Nas imagens:

É melhor usar poucas, mas bem selecionadas.

Devem ser imagens oratórias, não meramente literárias.

Que sejam cheias de cor e dinamismo.

Buscá-las no ambiente do público.

Que sejam incisivas e fiquem gravadas na mente dos ouvintes.

Historinhas:

Use-as com discrição.

Não transforme o discurso num balaio de citações, historinhas e relatos.

Escolha bem, para que elas não sejam um corpo estranho no discurso. Integre-as com o fundo.

Misture as histórias e as citações com o fundo para não ficar alternando “blocos agradáveis” com “blocos pesados”: todo o discurso deve ser homogêneo e interessante.

Evite historietas menos aptas para um orador sagrado, pois elas podem ser contraproducentes.

Evite casos que se prestem a polêmica.

Diga o autor da citação quando a sua autoridade apoiar as suas ideias.

Exórdio:

- Deve ser bem integrado ao discurso (“*ex visceribus rei*”).

- Promova o interesse e a clareza.

- Aborde, já no exórdio, o problema do ouvinte, para que ele se sinta aludido.

- Desperte desejo de escutar o resto, mas de forma atrativa, não extravagante.

- Seja original, mas sem forçar nem ser vulgar.

Peroração:

- Recapitule brevemente o discurso.

- Procure deixar uma frase breve e crucial como diretriz, para que o ouvinte guarde a ideia central do discurso.

- Que seja simples, clara e fácil de recordar. Procure repeti-la várias vezes para deixá-la gravada, mas sem cansar o auditório.

Conselho práticos para oratória e pregação

(18/10/2013)

Como resumo de tudo o que já explicamos aqui, poderíamos deixar estes conselhos práticos que sempre serão úteis e proveitosos na pregação.

QUANTO AO FUNDO

Conhecer claramente o público ouvinte e os seus problemas, para não falar “sobre algo”, e sim “para alguém”.

Determinar o objetivo e não esquecê-lo durante a preparação nem durante a realização do discurso.

Procurar os motivos mais válidos e fortes para esse público e aproveitar ao máximo a sua força, mediante um desenvolvimento adequado, estruturado, lógico e progressivo.

Demonstrar os motivos que mais possam impactar o público.

Valorizar os motivos ou ideias que mais possam ajudar a atingir o objetivo proposto.

Prever as possíveis objeções do auditório e responder a elas com elegância, humor e de modo incisivo, mas sem ferir nem faltar ao respeito.

Manter a máxima clareza e ordem no desenvolvimento do discurso, para que o público não se perca.

Oferecer mais argumentos positivos que negativos, porque em geral são os mais eficazes.

Não atacar o auditório, mas compreendê-lo e estimulá-lo.

Não se limitar a um tipo único de argumentos e demonstrações, e sim variar: demonstrações bíblicas, históricas, científicas, filosóficas, da experiência...

Transmitir uma só ideia, mas bem argumentada e valorizada, e jamais carregar o auditório com complicadas elucubrações.

Evitar que a “forma” (as imagens, exemplos, comparações...) embace o fundo. É melhor que o público diga “eu vou fazer isso” em vez de “como ele falou bonito!”. Fazer um exórdio atraente, interessante, que abra o apetite para escutar o resto do discurso.

Concentrar numa conclusão ou peroração breve os pontos fundamentais do discurso.

Como estudar o roteiro que seguiremos no dia da pregação?

(11/10/2013)

Como estudar o roteiro que seguiremos no dia da pregação?

Passos sugeridos:

- Destacar de amarelo ou vermelho, no texto da pregação, as palavras que queremos dizer irrenunciavelmente.
- Repassar várias vezes o roteiro.
- Fechar os olhos, relaxar o corpo num assento cômodo e repetir mentalmente o que lemos, sem pronunciar uma só palavra.
- Pronunciar a pregação no próprio quarto ou escritório, do jeito que queremos fazê-la diante dos nossos ouvintes. Bem pronunciado. Se houver possibilidade, gravá-la e ouvi-la imediatamente. O gravador é um ótimo crítico.

Que normas ajudam para a pregação?

- **Concentrar-se no essencial:** não dizer tudo. Não explicar as três leituras, nem todos os textos da liturgia. Leve-os todos em conta ao preparar a prédica, mas, depois, limite-se ao essencial.
- **Pregar uma única ideia:** o público só assimila uma ideia. Apresente essa ideia, repita, resuma. E vá-se embora.
- **Ser breve e substancioso.** Devagar, mas com vida. Mude de ritmo e de tom.
- **Bom começo e bom final,** pois “exórdios e despedidas dão aos sermões a vida”.
- **Exemplos com graça e gosto.** Faça como Jesus: use exemplos, parábolas, historietas, alegorias, comparações, ditados e frases populares.
- **Vocabulário simples,** ao falar de termos bíblicos, teológicos ou filosóficos.
- **Pode ser mais prudente levar a pregação escrita e ler.** Assim, é mais fácil ser breve, desenvolver uma ideia só, dosar os exemplos, manter um vocabulário acessível. Se não for necessário ler, pode-se partir de um esquema que ajude a seguir esses mesmos pontos.
- **E falar ao microfone** como se fosse o ouvido do ouvinte: afastando-se quando se levanta a voz, aproximando-se quando a voz é diminuída. Não é necessário gritar. São preferíveis os tons graves. E devem ser evitados os movimentos da cabeça, que desviam a voz do microfone.

Qual seria o processo semanal da pregação?

A pregação dominical deve ser o resultado de um esforço que se estende ao longo de toda a semana. Aconselha-se o seguinte, caso haja tempo:

- Concentração, silêncio e calma **durante a semana toda.**
- **A segunda-feira** poderia ser dedicada à leitura dos textos e à escolha de um deles, que determinará o tema da pregação.
- **A terça-feira** é o dia da exegese, para se descobrir o sentido principal do texto. É o dia mais trabalhoso.
- **A quarta-feira** é o dia da atualização: o que acontece hoje na vida dos ouvintes?
- **A quinta-feira** é o dia da oração pessoal do pregador. Daqui já sai a formulação do tema da pregação.
- **A sexta-feira** é dedicada à preparação do roteiro.
- **O sábado** deve ficar livre da preparação da pregação. Nesse dia, o pregador tem que se manter sereno e descansado, mas pode dar uma olhada no roteiro para memorizá-lo por inteiro ou parcialmente.

Qual seria o processo criativo?

Em linguagem psicológica, significa evitar a tendência à rotina no pensamento e renovar-se continuamente com modelos de pregação. Nesse processo criativo há algumas fases:

- **A fase de preparação:** aqui se consideram os problemas, recolhe-se material, pensa-se o problema a fundo, leem-se pregações sérias e bem preparadas de outros.

- **A fase de incubação:** essas ideias repousam e são matutadas. É a gestação.

- **A fase de iluminação:** nasce a ideia que eu quero transmitir. As outras ideias são descartadas.

- **A fase de verificação:** compara-se a ideia central da pregação com a vida dos ouvintes.

Posso contar com a ajuda de livros ou da internet?

A questão é ver quais materiais podem ajudar o pregador. Esse material pode ajudar o sacerdote que talvez venha pregando há muitos anos, e que pode encontrar alguma nova luz ou intuição, para depois desenvolvê-la de acordo com o seu próprio temperamento. Mas o pregador não pode fazer um plágio desse material e simplesmente passar para frente esse texto pré-fabricado. O pregador tem que preparar a *sua* pregação, encontrar tempo para prepará-la bem, ler os textos da missa, meditá-los, compará-los com a situação dos ouvintes e com os acontecimentos atuais.

Esses materiais podem ter três funções:

- **Uma função de apoio:** para o encontro com o texto bíblico ou com o tema principal.

- **Uma função de controle:** do próprio esquema, para completá-lo, podá-lo ou poli-lo.

- **Uma função de estímulo:** para superar-se na pregação. Se não, cairíamos no tédio.

Como conclusão...

- Ler os textos da liturgia dominical.

- Fazer o trabalho exegético e dogmático de uma semana no mínimo.

- Meditação pessoal desses textos durante a semana.

- Consultar algum dos livros homiléticos que possam inspirar alguma ideia.

- Elaborar a própria pregação, com um objetivo concreto para um auditório concreto.

- Fazer o discurso com convicção, expressividade, entusiasmo e lógica.

* Dicas elaboradas a partir de conselhos do livro “*Última asignatura: la homilía*”, do padre Carlos Muñiz, S.J.

A preparação prática da pregação - Escrever a homilia?

(04/10/2013)

Escrever a homilia?

- **Vantagens:** se está escrito não se corre o risco de ficar vagando, implicaria responsabilidade.

- **Desvantagens:** poderia perder espontaneidade e naturalidade, parece que essa homilia não nasceu da sua vida espiritual, o ouvinte não presta muita atenção.

- **O que você conclui?** Certamente devemos evitar a improvisação. Mas um discurso não é um escrito. Levar a homilia preparada, sim, mas não perder o contato com o auditório, e tentar memorizá-la, se possível. Outros preferem levar somente um esquema. Cada um é livre, mas o que sim é preciso fazer é preparar a pregação durante a semana.

Homilia participada?

A missa dominical não parece ser a ocasião mais propícia para fazer uma homilia “participada”, ou seja, fazendo algumas perguntas àqueles que me escutam. Somente no caso de uma missa na qual participem poucas pessoas e habitualmente as mesmas, poderia fazer-se. Mas, até mesmo neste caso, o celebrante tem que procurar que seja realmente uma homilia e

não uma simples justaposição de sentimentos (sem esquecer que quase sempre são só alguns que falam e mais os que silenciam).

Quanto tempo?

Se é homilia, é preferível a brevidade do que o estender-se e cansar. Dizem os especialistas que é quase impossível manter a atenção por mais de 10 minutos, especialmente em nossa cultura baseada mais em imagens visuais do que em palavras. Muitas vezes, uma homilia cumprida é fruto de não tê-la preparado adequadamente. É preciso salpicar a homilia com dois exemplos que ajudem a renovar a atenção.

Se é discurso ou palestra informal, pode demorar uma hora. As pessoas já vêm dispostas a ouvir esse tema de interesse que você propõe, já seja tema de fé, de moral ou científico e educacional. Pode-se usar os slides, em forma de esquemas atrativos e esquemáticos. Mas será a expressividade e o entusiasmo do pregador, o que os ouvintes mais agradecerão.

Como preparar um esquema de pregação ?

- **O objetivo:** é a finalidade dessa pregação que, ainda que não o nomeie, no entanto tudo o que diga está dirigido a esse objetivo.

- **A introdução:** não deve ser longa. Consegue-se uma boa introdução com um fato, uma notícia, uma vivência, um bom nexos com os domingos anteriores.

- **O tema:** fecha a introdução. É a ideia central das leituras bíblicas desse domingo. Os clássicos o chamavam de proposição. Esse tema pode estar dividido em três aspectos – como faz o Papa Francisco – que serão os pontos da parte principal ou corpo da pregação, que no caso da homilia podem ser os três aspectos do tema tirados de cada leitura. Três aspectos que explicam o único tema ou ideia que quero deixar aos meus ouvintes.

- **A parte principal:** esse tema ou ideia principal divide-se em três pontos clássicos. É aconselhável que cada ponto seja concretizado com uma vivência, um acontecimento, uma aplicação para a vida dos ouvintes, para que fique mais gravado. As citações literais das Sagrada Escritura devem ser poucas; porém, tudo deve estar impregnado do espírito da Bíblia.

- **A conclusão:** um mal final estraga a melhor das exposições. É preciso prepará-la cuidadosamente. Deve ser curta. Não deve ser repetição do dito. Deve-se fazer um resumo dos pontos. Deve ser positiva e estimulante. Tem que estar em sintonia com a introdução. Conclusão objetiva, sóbria e pessoal. Uma citação – mas nem uma palavra a mais – pode acabar a homilia bem e causa conformidade.

Continuaremos...

A preparação prática da pregação

(27/09/2013)

Agora chegamos na parte operativa: como fazer na prática a pregação, seja homilia, discurso, panegírico, reflexão eucarística, meditação, etc. Estamos falando da preparação prática da pregação.

Primeira dica: essa pregação não deve ser preparada na véspera. Devemos prepará-la, pelo menos, durante toda a semana. Não se faz uma homilia ou discurso; surgem, crescem, amadurecem. E todo crescimento precisa de tempo de fecundação. Uma semana ou quinze dias, mínimo. Só assim essa pregação terá o perfume da intimidade com Deus e a preparação consciente e séria. É preciso dedicar um bom tempo na semana para ler as leituras do domingo ou festa correspondente; ler também alguns comentários às leituras; ver quais problemas da vida cristã e humana dos meus paroquianos são afetados por essas leituras.

Qual o método? Depende muito dos humores e talentos pessoais e das várias circunstâncias. É bom fixar por escrito as ideais e pontos de vista que forem surgindo ao

longo da preparação, porque o que não se escreve se esquece. E, acima de tudo, é preciso olhar para o objetivo dessa pregação: o que quero conseguir com esta pregação? Explicar, persuadir, motivar, demonstrar, emocionar, convencer?

Como fazer: partir do texto bíblico para o hoje, ou partir do hoje para ir ao texto bíblico e voltar ao hoje?

Alguns preferem partir do texto bíblico e, em seguida, aplicá-lo ao hoje. É bom e lógico. Outros preferem partir do hoje para ver se esse texto bíblico ilumina esse hoje. É o método indutivo seguido pela *Gaudium et Spes* do Vaticano II. Este método é psicologicamente mais eficaz hoje em dia, porque o ouvinte vem com todos os seus problemas do hoje.

Seguindo esse segundo método psicológico, qual seria o esquema a ser seguido?

- **Motivação:** o ouvinte deve ser preparado antes de apresentar os problemas e as soluções. Isto pode ser conseguido narrando uma experiência que gere interesse, um fato histórico, uma anedota bem contada, uma notícia mundial, que esteja no contexto do tema que trataremos na pregação. Dessa forma consegue-se o que os clássicos chamaram “captatio benevolentiae” do ouvinte, ou seja, que o ouvinte me escute e pegue o trem da minha pregação. Se não, facilmente se desconecta e cai.

- **Apresentação do problema:** formula-se o problema vital que afeta o ouvinte e que exige solução. Por exemplo: “A pena de morte é um problema que preocupa a todos nós. Tenho aqui umas estatísticas horripilantes dos Estados que permitiram a pena de morte em pleno século XXI... Diante disso, o que pensa Deus, a Igreja, nossa consciência?”.

- **Objecções ao tema:** apresentam-se as dificuldades sobre, as objeções contra a fé ou contra o objetivo da pregação. São Paulo faz isso em Rm 3, 1-8.

- **Oferecer uma solução:** o pregador apresenta uma solução adequada para o problema, com uma forma e linguagem compreensíveis, de tal forma que a questão abordada encontre aqui uma resposta. A solução tem que vir da Sagrada Escritura ou da tradição da fé, se o tema é espiritual. Ou da ciência e filosofia, se o tema é científico ou especulativo.

- **Reforço da solução:** se dá a solução para as situações específicas. A pregação não pode terminar com generalidades. A solução tem que causar mudanças na vivência prática dos ouvintes. É um convite como resumo do que foi dito, mas que toque já a situação concreta. Nesse momento colocam-se alguns exemplos de como viver essa verdade que expliquei na solução.

Continuaremos ...

Resumo da expressão oratória - Parte II

(20/09/2013)

Vamos terminar hoje o resumo sobre a expressão oratória.

Vimos na semana passada a expressão oral, o sentimento e a voz. Hoje veremos o ritmo, o volume, o olhar e o rosto, os gestos, a memória e o uso do microfone.

Ritmo:

Nem muito lento, nem muito precipitado: alternar. Boa dicção e vocalização, especialmente no final das palavras. Ressaltar as palavras-chave e matizar as ideias.

Volume:

Aumentar e baixar o volume de voz conforme o discurso e o local exigirem. Acomodar-se ao local e ao microfone. Todos devem escutar perfeitamente.

O olhar e o rosto:

“*Omnia in oculis sita sunt*”, dizia Cícero: toda a força oratória do rosto está nos olhos. Temos que domesticar com o olhar aquela hidra de 100 cabeças que é o auditório. Ver

todos. Olhar para o auditório sem desviar, sem olhar para o teto ou para o chão. Ficar atentos às reações positivas ou negativas dos ouvintes. Não fazer cara de assustado, nem cara solene, nem irritada, nem ridícula, nem tensa, nem abrupta, nem maquiavélica, nem hamletiana, nem mefistofélica: basta manter a própria cara de todos os dias, cordial, familiar, simples, com um sorriso natural. A minha cara é a tela em que o auditório lê os meus sentimentos ao vivo.

Gestos:

Ficar seguro de si, sem nervosismo, para dominar o auditório. Nem rígido, nem abusando de gestos de mãos e de rosto. Naturalidade e elegância: gestos harmoniosos, não excessivos. Evitar gestos rápidos demais ou lentos demais. O gesto deverá matizar a ideia, torná-la plástica. Não mexer demais o corpo ao falar. Nada de gestos de nadador, jogando os braços sem parar. Nem de boxeador, vulcânicos, dinamite pura. Nem de ginasta, angulosos, geométricos. Nem de Charles Chaplin, nervosos, rápidos, supersônicos. Evitar as caretas, os tiques, a língua nos lábios, as piscadas, coçar a cabeça, esfregar as mãos, estalar os dedos, ajeitar os óculos, consultar o relógio, limpar o suor.

Memória:

Memorizar o discurso perfeitamente, se possível, ou pelo menos o esquema das ideias. Quintiliano chamou a memória de “tesouro da oratória” (Inst. Orat. XI, 2, 1). Ensaiar várias vezes em volume alto antes de pronunciá-lo ajuda a retê-lo na memória. Mas é preciso fazer com que o auditório não note que o discurso foi memorizado, para não parecermos rígidos. É preciso ser espontâneos. E não ler, porque a leitura servil deixa o auditório mais facilmente desinteressado.

Uso do microfone:

A pior homilia é aquela que não dá para ouvir. Antes da missa ou de qualquer palestra, sempre teste o microfone e faça os ajustes necessários para a sua voz. Se ele funcionar mal, não o use, porque é pior. Se funcionar bem, mantenha-o à altura da boca, para que a voz saia direta e as pessoas consigam ver o seu rosto. Fale claro e forte, num tom mais elevado que de costume caso a sua voz seja de barítono ou baixa. Não sobre no microfone, e muito menos espirre.

Como melhorar a nossa pregação sagrada: resumo da expressão oratória

(13/09/2013)

Vamos encerrar esta parte da expressão oratória com uma espécie de resumo, para deixar os conceitos mais claros e incisivos. Apresentaremos o resumo em duas partes: na coluna de hoje e na da próxima semana.

RESUMINDO:

A expressão oratória abrange os seguintes aspectos.

Expressão oral:

A construção gramatical e sintática das frases deve ser correta.

Devemos evitar os anacolutos, que são aquelas frases incompletas e as expressões incoerentes.

Eliminar todo tipo de muletas: “né?”, “Bom...”, “Então...”, “sabe?”.

Construir com clareza, concisão e precisão cada uma das frases ou períodos.

Ser breves, evitando rodeios. **“O bom, se é breve, é duas vezes bom”**, dizia Baltasar Gracián, escritor espanhol do século XVII, o século de ouro das letras espanholas.

Sentimento:

Estar convictos do que pregamos, para senti-lo e transmiti-lo com autenticidade.

Declamar com calor, identificados com os sentimentos que manifestamos. Calor não significa gritar sem necessidade, nem teatralizar artificialmente.

Estudar o discurso e os seus sentimentos antes de pronunciá-lo.

Voz:

Em vez de lamentar a voz que temos ou invejar vozes alheias, temos que estudar a nossa própria para aproveitá-la ao máximo e educá-la.

Modulá-la para matizar o discurso o melhor possível.

Não forçá-la, e sim usá-la como numa conversa. O orador romano Cícero dizia: “*Alguns oradores latem, não falam*” (Bruto 15, 58).

Usar um tom de voz moderado: nem grave nem agudo; nunca monótono.

O tom de voz deve ser acomodado à ideia, ao sentimento e até mesmo ao local.

Não usar um tom meloso, adocicado, nem áspero demais.

Conseguir variedade de tons; para isso, é necessária a variedade de sentimentos.

Evitar sotaques regionais ou pessoais.

Evitar tons ditatoriais, solenes, políticos, sensacionalistas.

À voz e ao gesto corporal, principalmente da cabeça e das mãos, deve unir-se a expressão do semblante (Cícero, *De Oratore III*, 56, 213).

Critério geral: para cada discurso e para cada parte, o tom que lhe cabe.

Como melhorar a nossa pregação sagrada: as técnicas de forma externa

(06/09/2013)

Estamos explicando a forma da pregação a serviço do fundo de ideias. Já vimos *as técnicas de forma interna*: concretização, desenvolvimento, visualização, dramatização e comparação. Agora veremos *as técnicas de forma externa*, que são o grafismo ou estilo plástico e o ritmo ou movimento oratório ao expressar as ideias.

Não nos esqueçamos de que a forma de expressar as nossas ideias é muito importante para que elas fiquem gravadas mais facilmente na mente do ouvinte, a fim de que ele acompanhe com atenção e com prazer o fio condutor do discurso ou da pregação, sem se sentir cansado nem entediado.

PRIMEIRO, O GRAFISMO OU ESTILO PLÁSTICO

Dá vitalidade e expressividade à forma, o que se consegue com palavras vigorosas, criativas e cheias de cor.

Consegue-se também substituindo uma frase ou palavra por outra mais plástica e vívida, através de um verbo-imagem, uma metáfora, um jogo de palavras, uma antítese, um contraste de termos, com expressões que chamem a atenção, com um slogan ou frase lapidária, etc... Com esses recursos, salpico a sensibilidade e a imaginação dos meus ouvintes.

Uma frase sem grafismo nem estilo plástico não chama a atenção de ninguém, não penetra na mente nem na sensibilidade do ouvinte, nos faz bocejar e olhar para o relógio mil vezes durante a pregação. Já uma frase com estilo plástico incide e fica gravada a fundo; dá vontade de ouvir o pregador durante horas!

Exemplo:

Ideia sem grafismo: sua vida foi um contínuo sofrer. **Ideia com grafismo:** a vida dele foi uma perpétua sexta-feira santa. **Ideia sem grafismo:** passou a vida servindo aos doentes nos hospitais. **Ideia com grafismo:** queimou sua vida entre esparadrapos e soros de hospital.

Ideia sem grafismo: quero participar do sofrimento de Cristo. **Ideia com grafismo:** quero descansar nas chagas abertas de Cristo.

Ideia sem grafismo: alguns falam muito de Deus, mas não fazem oração. **Ideia com grafismo:** sem oração, a sua pregação sobre Deus tem cheiro de biblioteca, mas não convencerá ninguém, porque você não transmite no seu rosto o reflexo desse Deus. **Ideia sem grafismo:** temos que ter caridade em casa e justiça com os outros. **Ideia com grafismo:** a caridade começa dentro de casa, e a justiça, já na porta da rua.

SEGUNDO, O RITMO E A TEMPERATURA ORATÓRIA

Este recurso afeta o aspecto mais externo do estilo, a forma de expressar algo, modificando a ordem das palavras e o movimento das frases. E isto se consegue com interrogações, exclamações, frases curtas, contrastes nas frases, supressão de conjunções e partículas desnecessárias, diversos tons (ironia, nostalgia, despreocupação, tristeza, ansiedade, alegria...). Trata-se de um estilo coloquial ou conversacional, mas cheio de força e de vigor.

Um exemplo de frase sem ritmo: *Cristo morreu por nós gratuitamente e nós não somos gratos a Ele. Às vezes, o ofendemos.*

Vejamos várias formas de dizer a mesma frase com mais ritmo oratório:

- Cristo morreu por nós, e morreu gratuitamente! E nós, agradecemos? Ah, que agradecimento! Ainda por cima o ofendemos!

- Morreu, Cristo morreu por nós! E Ele ganhou algo que não fosse para nós? E nós? Nem lhe agradecemos! Agradecer... Nós ainda o ofendemos, isso sim!

- Foi por nós que Cristo morreu! E nem sequer agradecemos! Morreu sem nenhum interesse próprio! E nós o ofendemos, ainda por cima!

- Por acaso Cristo não morreu por nós? Não morreu gratuitamente? E nós, agradecemos, pelo menos? Ou o ofendemos, em vez disso?

Ah, como a nossa pregação mudaria se a salpicássemos de ritmo e de temperatura oratória! Experimente e você vai ver. Para mim deu resultado, e quanto!

Como melhorar a nossa pregação sagrada: visualização, a dramatização e a comparação dessas ideias

(30/08/2013)

Começamos a explicar a forma a serviço do fundo de ideias. Já analisamos a concretização e o desenvolvimento. Hoje veremos a visualização, a dramatização e a comparação dessas ideias para gravá-las na mente e no coração do ouvinte.

Terceiro, a visualização da ideia...

Estes são os passos:

Enunciar a ideia: ideia ou verdade geral, abstrata e universal: Sim, o sofrimento machuca.

Visualização da ideia: “pintar” a cena com detalhes que possam ser “enxergados” pelos ouvintes. Evitar descrições minuciosas, pois não se trata de uma redação literária. Evitar também detalhes desnecessários, que sufocam a força do sentimento e ressaltam o artificioso, o literário, podendo provocar risos.

Recapitulação da ideia que já estava concretizada, desenvolvida e visualizada, para que o ouvinte fique com o principal: o sofrimento machuca.

Exemplo:

Enunciando a ideia: É claro que o sofrimento nos machuca!

Visualização da ideia: Veja dona Rita, no quarto dela, presa à cama, já faz três meses. Seus olhos? Só conseguem se fechar para oferecer aquela dor a Deus! Olhe as mãos dela, em postura de oração. Às vezes, seus lábios liberam um leve gemido, porque as dores são atroz. Veja o marido dela, junto com ela todas as tardes, depois de voltar cansado do trabalho, cuidando dela com carinho. E os filhos? Os menores estão com a tia, que mora ao lado. Os maiorzinhos estão em casa, fazendo as tarefas da escola, num canto, tristes, sem entender por que a mamãe deles tem que sofrer tanto. Como é duro tudo isso para dona Rita e como é duro para toda a família!

Recapitulação da ideia: O sofrimento machuca ou não machuca? Pergunte a dona Rita, ao marido dela e aos filhos.

Quarto, a dramatização da ideia

Estes são os passos:

Enunciar a ideia: A ideia é sempre abstrata e universal: o sofrimento sempre machuca.

Dramatização: o pregador faz com que os personagens falem na cena, colocando em sua boca as palavras, afetos e impressões. A dramatização deve ser breve, mas incisiva.

Recapitulação: no final, repete-se a ideia já bem reforçada.

Um exemplo:

Enunciando a ideia: O sofrimento machuca demais!

Dramatização da ideia:

- Mamãe, por que você tem que estar sempre na cama, sofrendo assim?

- Deus permitiu assim, filho, e nós temos que aceitar a vontade de Deus também quando ela nos dói.

-Rita, meu amor, você sabe que eu estou sempre com você e não me esqueço de você durante o trabalho... Voltei mais rápido para ficar com você. O chá já está quase pronto. Me dê um abraço!

- Fique tranquilo, José, e abrace os nossos filhos por mim e por você. Diga que eu amo muito todos eles. Me traga o chá, sim, estou precisando tomar um chá...

Recapitulação da ideia: Ficou claro? O sofrimento machuca muito!

E finalmente, a comparação.

Passos:

Enunciar a ideia: é a ideia ou verdade que eu quero propor, como, p.ex., construir o casamento dia a dia.

Comparação: a inteligência entende melhor e a vontade decide com mais intensidade quando essa ideia é apresentada com uma comparação. Podem ser *comparações lógicas*, que ajudam a entender melhor, ou *comparações emotivas*, que fazem a ideia ser “sentida” melhor. Podemos comparar o casamento com um edifício.

Recapitulação da ideia: Sim, o casamento é como um edifício que se constrói todos os dias, tijolo a tijolo. O último tijolo só é colocado quando morremos.

Exemplo:

Ideia: É preciso construir o edifício do casamento dia após dia.

Comparação: o casamento é como um edifício:

Todo dia, cada um da família vai colocando um tijolo: o papai, a mamãe, os filhos.

Com alicerces firmes: as virtudes e a fidelidade.

Com colunas resistentes: a oração, o sacrifício, o amor.

Com janelas grandes e luminosas: a sinceridade.

Com uma sala de estar acolhedora: boas palavras, conversas positivas e sadias.

Com uma sala de jantar elegante: educação, prestimosidade, controle pessoal.

Com quartos bem proporcionados e limpos: pureza e decência.

Com um jardim ao ar livre: descanso sadio.

Com vários andares: cada filho é como um andar desse edifício. O casamento tem que ser fecundo.

Recapitulação: Entenderam a imagem e a comparação? Casar é como ir construindo um edifício maravilhoso, tijolo após tijolo.

Como melhorar a nossa pregação sagrada: Fundo e Forma

(23/08/2013)

Na semana passada, comecei a falar da linguagem na pregação, da sua importância e dos seus níveis. Vamos dar agora mais um passo: comentaremos os recursos

formais que podemos usar para revestir as ideias e gravá-las mais profunda e eficazmente na mente e no coração dos ouvintes. Um **fundo** com ideias claras, estruturadas, lógicas, mas também uma **forma** atrativa, concreta, sensibilizada, visualizada e até dramatizada (sem teatralizar).

A FORMA A SERVIÇO DO FUNDO

A forma é o modo de apresentar as ideias que compõem o fundo de uma mensagem. Serve para gravar melhor a mensagem na mente e no coração do ouvinte. A força de impacto de uma ideia é diretamente proporcional ao seu grau de sensibilização.

As técnicas da forma se classificam em dois tipos:

Primeiro, técnicas de forma interna: concretização, desenvolvimento, visualização e dramatização.

Segundo, técnicas de forma externa, que incidem no modo de expressar a ideia: estilo plástico e ritmo ou movimento oratório.

COMECEMOS PELA FORMA INTERNA

Primeiro, a concretização da ideia. Há alguns passos para a concretização:

a) **Enunciação da ideia ou verdade** que eu quero transmitir ao ouvinte, e que, em geral, é abstrata, universal: “*A confissão nos traz alívio... O sofrimento machuca... É melhor dar que receber... Cristo nos amou com loucura, etc...*”.

b) **Sensibilização mediante um caso concreto** em que essa ideia abstrata e universal se realiza.

c) **Recapitulação rápida** para mostrar como se verifica neste caso a ideia universal e abstrata.

Um exemplo:

Ideia abstrata: O sofrimento machuca.

Sensibilização da ideia: Ah, como o sofrimento machuca! Perguntem à dona Rita, que está presa a uma cama já faz três anos, sem poder fazer nada, sentido as piores e mais terríveis dores, sem conseguir dormir nem sequer durante uma hora completa, nem durante o dia, nem durante a noite! E com seis filhos para educar e cuidar! Ah, meus caros, o sofrimento machuca, e como machuca!

Recapitulação da ideia: Ficou bem claro que o sofrimento machuca? Olhem para a dona Rita, nos testemunhando essa verdade: o sofrimento machuca, e machuca demais!

Segundo, o desenvolvimento da ideia.

Passos:

a) **Enunciado da ideia**, de forma exclamativa, expressando um sentimento, um valor ou um contravalor.

b) **Desenvolvimento** com algum dos tópicos de Aristóteles: quem, o quê, como, quando, onde, por quê, quantas vezes.

c) **Recapitulação** da ideia desenvolvida.

Um exemplo:

Enunciado da ideia: Como machuca o sofrimento!

Desenvolvimento: Quem está sofrendo? Dona Rita, mãe de seis filhos, três deles ainda pequenos. O que ela sofre? Um câncer terrível, que está se apoderando da vida e dos sonhos da dona Rita! Por quê? Só Deus sabe o porquê de tanto sofrimento, para ela que ainda é tão jovem! Como ela está sofrendo? Presa à cama, com grandes dores, mas com profunda paciência e resignação, de olhos firmes em Deus.

Recapitulação: Machuca ou não machuca o sofrimento? Perguntem à dona Rita, ela que é mãe de seis filhos, ela que está em seu quarto se consumindo de dor, com toda a fé plantada em Deus!

Linguagem na pregação

(16/08/2013)

Vamos falar sobre a importância da linguagem...

É necessário trabalhar a linguagem da pregação não rebaixar a Palavra de Deus.

Por isso, temos que usar:

- Uma **linguagem popular**, não popularesco, trivial ou vulgar. Ou seja, uma linguagem que as pessoas entendam; uma linguagem adequada ao momento atual.

- Uma **linguagem inteligível, simples, viva e concreta**, que ao mesmo tempo fique longe dos tecnicismos e das palavras rebuscadas filosóficas ou teológicas, como também da trivialidade e da anedota barata.

- Um **tom direto, familiar, cordial, persuasivo e ágil** que mantenha o interesse dos ouvintes, não tanto pelos recursos oratórios do orador, mas pela convicção e autenticidade que o pregador consegue comunicar.

Distingamos os vários níveis da linguagem...

Existem três níveis de linguagem:

Primeiro, o nível sintático: significa clareza, precisão, exatidão, uso correto da língua (cf. 1 Cor 14, 9ss; 1 Cor 14, 19). A exigência por clareza é ainda mais imperiosa na pregação do que na conversação, porque na Igreja ninguém pode fazer perguntas durante a homilia. Outra coisa é uma palestra em uma sala de aula ou auditório, onde o pregador dá oportunidade para perguntas. Os ouvintes geralmente dão a entender com certas reações se entenderam. Se a reação não aparece, é necessário repetir e dar voltas e mais voltas até que apareça, mas é preciso passar imediatamente para outro tema, o que será evidentemente impossível para aqueles que recitam um sermão literalmente preparado e aprendido de memória. O fim de toda pregação é sempre abrir o sentido, embora para isso só se tenha disponível uma chave de madeira; se é de ouro, muito melhor, desde que entre na fechadura (cf. Santo Agostinho, **De doctrina christiana** 10, 25-11, 36). Para isso ajudam esses conselhos:

- **A construção da frase:** frases curtas, porque o ouvido humano só consegue captar frases de um determinado comprimento.

- **A voz ativa:** em vez da voz passiva. Assim, o ouvinte poderá identificar-se com essa voz.

- **Palavras concretas:** suprimir as palavras abstratas e substituí-las por palavras concretas. Em vez de falar de solidariedade (palavra abstrata), falar desse rei solidário, dessa pessoa solidária (alguém específico).

- **Os adjetivos:** não abusar deles, porque não é redação estilística nem literária.

Segundo, o nível semântico: se a linguagem foi feita para o homem e não o homem para a linguagem, então deve-se evitar na pregação termos que sejam úteis na teologia, mas que os ouvintes não entendem. A linguagem da pregação requer a linguagem da vida cotidiana para que as palavras teológicas sejam uma ajuda para ela. Jesus utilizou na sua pregação imagens e comparações tomadas do mundo que lhe rodeava para que os ouvintes pudessem entender a mensagem divina.

Finalmente, o nível pragmático: a linguagem da pregação deve conduzir à posições de vida, à vida prática. Ou seja, toda pregação deve ajudar à mudança da vida ou a melhorá-la. É muito importante que cada reflexão que fazemos tenha aplicações para a vida do ouvinte.

Pregações circunstanciais (4)

(09/08/2013)

Já vimos o batismo, o casamento e as exéquias. Demos agora mais um passo.

PREGAÇÃO EM FESTAS

Há festas sagradas e profanas. *Entre as primeiras*, algumas são determinadas pelo calendário, como a festa do padroeiro local e as dos padroeiros de agremiações e associações. Outras são festas pessoais, pelo recebimento dos sacramentos: batismo, primeira comunhão, confirmação e matrimônio. *Entre as festas profanas*, os motivos podem ser incontáveis: uma promoção, o aniversário da fundação de uma associação, a inauguração de um edifício, etc.

Objetivo: interpretar a festa à luz da mensagem cristã: Deus se alegra com as nossas festas, pois Ele as quer. Tudo o que é humano interessa a Deus.

Características:

O pregador nas festas:

Primeiro, deve ser porta-voz dos ouvintes e expressar o que os move, o que eles pensam e sentem.

Segundo, deve despertar pensamentos alegres e salvíficos, porque Deus tem alguma bela razão para o acontecimento dessa festa.

Terceiro, deve ajudar a fazer uma interpretação da atualidade, pois lembranças do passado são vivenciadas na festa como atuais, dando um motivo para a celebração.

Quarto, deve despertar a esperança em um futuro bom, pois as festas sempre têm uma dimensão profética: a boa lembrança da festa nos dá forças para o futuro.

Finalmente, deve ser testemunha da comunidade da Igreja: uma festa só é possível porque há pessoas que se alegram com ela.

PREGAÇÃO EM APRESENTAÇÕES

Primeiro, falar do homenageado ou do apresentado, e nunca de si mesmo.

Segundo, não resumir a conferência do eventual palestrante que se apresentar no evento.

Terceiro, comportar-se em cada lugar de acordo com as práticas locais próprias.

Quarto, evitar tópicos chatos: *“É uma ousadia que eu, que não tenho nenhum título para merecer a honra de realizar esta apresentação, tarefa para a qual temos aqui pessoas muito mais qualificadas, e que, além disso, não sou orador, me atreva a apresentar Fulano, cujos méritos são conhecidos de todos. Lamento dispor de pouco tempo para destacá-lo...”*. Além de chato, soa pedante.

Quinto, informar-se bem sobre a pessoa que deve ser apresentada ou homenageada: saber qual é o tema da apresentação ou da homenagem, conhecer as qualidades especiais do orador principal do evento, preparar o público para a apresentação que será feita, prestando assim um nobre serviço ao convidado.

Finalmente, ser sincero: não inventar virtudes do homenageado.

APRESENTAÇÃO EM UM BRINDE

Primeiro, levar algo bem preparado.

Segundo, não falar de qualquer coisa, apenas por falar.

Terceiro, não repetir a tão martelada bobagem *“como disse o poeta”*.

Quarto, ser natural e familiar.

Quinto, breve.

Um exemplo poderia ser: *“Ao longo da vida, vamos diferenciando as coisas fundamentais daquelas que brilham, mas logo decepcionam. Entre os tesouros autênticos, está o da amizade, do carinho (se você é o homenageado). Nosso anfitrião, Fulano, é uma dessas pessoas que iluminam a vida dos amigos. Todos vocês, que hoje me acompanham, fazem parte dessas amizades luminosas que dão calor à nossa vida. Guardarei uma lembrança emocionada desta noite e quero que vocês saibam que todos os que foram convidados são queridos, “quase” (reforçar com um sorriso) tanto quanto merecem”*.

Pregações circunstanciais (3)

(02/08/2013)

FUNERAIS

Cada funeral é um caso sério para a fé. Em cada enterro a fé ou é fortalecida, aumentada ou também mais ou menos prejudicada.

Objetivo: a pregação em um funeral visa colocar a vida do falecido, e a dor dos que ficam, sob a cruz de Cristo como sinal de vitória sobre a morte. Isto consola e dá um significado mais profundo para a morte. Esta questão tem de ser tratada a partir de um texto da Escritura, de modo que possa ser ponto de apoio e de orientação para os ouvintes.

Características

Em primeiro lugar, a pregação tem que nascer da convicção íntima do sacerdote, criando um clima cálido e sério, profundo e sincero de fé. Somente assim a comunidade se sente tocada pessoalmente. Portanto, deve-se evitar a frieza ou a rotina, e conseguir uma atitude de solidariedade, de empatia ou compreensão empática, de colocar-se realmente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê, sintonia com a dor dos presentes.

Em segundo lugar, o pregador, ao estar fora do círculo das pessoas afetadas, pode oferecer um melhor serviço de encontrar a palavra de consolo. O sentimentalismo faria dele um participante desvalido e a sua palavra não ajudaria os ouvintes, mas mexeria mais na sua dor.

Em terceiro lugar, se foi um dos seus parentes que morreu, esse pregador pode pedir para outro sacerdote que dê a pregação; dessa forma sentiria, também ele, o consolo pastoral da Igreja.

Em quarto lugar, o pregador deve tomar cuidado para que não sejam idéias gerais estereotipadas. Em vez disso, deve se esforçar para oferecer uma pregação com caráter pessoal. Ajudará a isso que, antes de começar a cerimônia, ofereça as condolências à família e pergunte o nome do difunto, sua idade, profissão, a causa da morte; ver também como está a sensibilidade espiritual de toda a família.

Em quinto lugar, o pregador convidará a orar pelo difunto, que é um pecador como todos nós necessitado da misericórdia divina.

Em sexto lugar, o pregador, ao escolher o texto bíblico, procure colocá-lo em conexão com a vida do difunto e com o tempo litúrgico do momento. Sem que seja um elogio fúnebre – o ritual de exéquias o proíbe -, o pregador pode em algumas ocasiões aludir brevemente ao testemunho cristão da vida do difunto, como motivo de edificação e de ação de graças.

Finalmente, o pregador deve evitar aproveitar este momento para querer a todo custo evangelizar os assistentes, nem fazer propaganda da Igreja ou investir contra os relutantes ou distantes. Isso feriria a sua justa dor.

Pregações circunstanciais (2)

(01/08/2013)

Entremos de cabeça nas pregações circunstanciais mais importantes: batismo, casamento, festas, apresentações, brinde. Hoje veremos as duas primeiras.

BATISMO

O que deve ser esta pregação: não deve ser uma lição de teologia dos sacramentos, mas deve dizer de um modo muito próximo à vida o que o sacramento do batismo significa para o homem de hoje: um novo nascimento na família de Deus e o que isso implica de dignidade e responsabilidade.

Tema e objetivo desta pregação: a pregação do batismo não tem por conteúdo – embora não deva ser excluído – nem a alegria pelo nascimento de uma criança, nem a questão

do seu futuro, nem a tarefa educativa dos pais. O tema deve ser a graça divina que cobre esta criança, o amor de Deus manifestado em Cristo. Trata-se de relacionar a vida humana com os grandes fatos de Deus. Isso também é válido quando o nascimento da criança não foi recebido com alegria, ou porque não foi desejado, ou porque veio ao mundo com alguma doença, ou porque se tem o medo de experiências amargas no seu caminho.

Esta pregação deve ter estas características

Primeiro, real adaptação com os assistentes. Devem entender-nos porque falamos uma linguagem cheia de carinho e simplicidade.

Segundo, selecionar algum dos diversos aspectos do batismo, para evitar que a homilia vire um armazém rápido e total de ritos, símbolos e conteúdos teológicos. Por tanto, uma só ideia ou tema. Por exemplo, centralizar em alguma das ideias mais importantes do batismo: nova vida, iluminação, regeneração, chamado à santidade, etc.

Terceiro, deve ser breve, porque supõe-se que já houve antes para os pais e padrinhos uma catequese na paróquia; neles cai a responsabilidade especial de educar esses neófitos na fé.

Finalmente, seria bom fazer alguma referência aos sinais mais importantes, especialmente ao banho na água, a roupa nova, as unções com o óleo consagrado, a vela.

CASAMENTO

A pregação no casamento não é diferente da do batismo: a atmosfera é mais sentimental e está mais exposta ao ar de festa do que a pregação batismal.

Tema e objetivo desta pregação: lembrar o aspecto sacramental para evitar que as flores, a música, o vídeo, as fotos, os padrinhos e testemunhas vestidas a rigor e o vestido da noiva sejam mais importantes do que a celebração litúrgica.

As características dessa pregação são essas

Em primeiro lugar, embora a homilia inicie com um texto bíblico, no entanto, é preciso atender a situação pessoal de quem está para receber o sacramento: estão alegres e felizes.

Em segundo lugar, o pregador deve ser muito cordial na forma e expressão e simples nas ideias na hora da homilia.

Em terceiro lugar, tem que levar o casal à admiração, à ação de graças e à petição de graças a Deus para ser fieis a este compromisso que assumem.

Em quarto lugar, deve inculcar no casal coragem e confiança sobre as suas expectativas de uma vida em comum.

Finalmente, ajuda muito na homilia usar alguma imagem que explique plasticamente a importância do casamento e fique gravada para sempre na mente e no coração dos novos esposos e nos que assistiram à cerimônia litúrgica.

Um exemplo

Deu certo para mim na paróquia Betânia de Buenos Aires **a imagem do vinho novo** que Cristo lhes oferece nesse dia do casamento, quando comentava as bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12), vinho que ambos devem cuidar para que não se torne vinagre com a infidelidade, vinho que devem compartilhar com os seus filhos e familiares, vinho que não devem transformar em água com a rotina; ou **a imagem do edifício** onde hoje começam colocando o primeiro tijolo, se a passagem comentada é a de “construir sobre a rocha” (cf. Mateus 7, 24-27), ver quais fundamentos devem colocar, quais colunas, que tipo de parábola para vigiar a casa; ou **a imagem da barca**, na qual Cristo tem um remo, não para bater, mas para remar; sem esquecer a bússola, as redes, as velas, tomando cuidado com os possíveis piratas que querem destruir essa barca matrimonial.

Pregações circunstanciais

(19/07/2013)

Antes de iniciar um novo tema na coluna sobre pregação sagrada, gostaria de agradecer aos meus leitores as sugestões sobre homilias que devem ser evitadas, e que agora eu resumo aqui:

Homilia soporífera: tão chato e com tom de funeral e monótono, que todos dormem. Sem expressão, sem entusiasmo, sem mudança de tom.

Homilia relâmpago: não dura um minuto. Deve durar cerca de 10 minutos, e no domingo, até 15 minutos. Em um minuto nada é dito.

Homilia chicote: onde o pregador acaba com os fiéis. Isso, nunca, porque o sacerdote é pastor e não fustigador. Perderá muitos paroquianos.

Homilia boba com gargalhada: conta piadas em abundância para ilustrar o que expressa, esquecendo-se de que as pessoas muitas vezes ficam com a piada e esquecem o cerne da mensagem.

Homilia de jornalista ou contador de histórias: "... eu estava outro dia no mercado ... pela praça ... pela escola ... na rua ... etc. ", e conta casos que ele viu e ouviu. Aqui fala não o padre, mas o jornalista... Quando não tem o que contar, conta histórias curtas e simpáticas. A homilia não é para isso.

Homilia enlatada: quando repete as homilias arquivadas há vinte anos. A homilia deve conter novidades e eventos atuais, do ponto de vista da Igreja e do mundo, se não, cheira a mofo.

Homilia política: Quando o padre fala de política e critica o político no cargo.

Homilia pílula de conforto: em funerais elogia tanto os mortos, que se esquece de abrir os olhos de todos os presentes para olhar para o rosto da eternidade e preparar as malas para a última viagem.

Homilia Teatro: o pregador faz teatro, salta e dança. Isso não é digno de uma ação litúrgica, nem é o lugar nem a hora. Isso não quer dizer que é inexpressivo ou monótono, como já foi explicado. "In medio virtus est" no equilíbrio está a virtude.

Agora sim, expliquemos outra questão.

Pregações circunstanciais

Com o nome de pregação circunstancial designamos todas as pregações, dentro ou fora da celebração eucarística, cuja razão de ser não é domingo ou dia de festa, mas outras circunstâncias, que podem variar amplamente, desde a inauguração do ano letivo até as bodas de ouro de uma associação civil ou religiosa, passando pela bênção de animais ou carros.

Dentro desta categoria, existem três casos que merecem atenção especial devido à frequência, pelo seu significado litúrgico e as implicações no trabalho pastoral. Trata-se da pregação no batismo, no casamento e no funeral. Há outras que também explicaremos: festas, apresentações e "brindes".

Demos hoje algumas dicas gerais sobre os ouvintes, a situação e as conclusões. Nos outros dias vamos falar sobre cada um em particular.

Primeiro, os ouvintes ...

O público que se reúne em um batismo, casamento ou funeral é diverso: fiéis da comunidade paroquial, católicos não praticantes, indiferentes e até mesmo ateus ou pertencentes a outras confissões religiosas, sem excluir aqueles que vêm por curiosidade.

São mais celebrações familiares que reúne a comunidade cristã do que celebrações da comunidade onde a família está presente. Estão presente por laços familiares ou sociais, não por motivos religiosos. Algum suportam a cerimônia religiosa porque ficaria feio ir apenas para a festa.

Isso não justifica o pregador estar lá com disposição interior apática. Tem que dar o melhor de si nesta pregação, apresentando uma mensagem espiritual simples e positiva, cheia de fervor e entusiasmo. É uma oportunidade única para que alguns deles mudem a sua

visão negativa da Igreja e dos sacerdotes e, talvez, a chance de um deles começarem a se interessar pela fé. O pregador sagrado chegará ao fundo do seu coração, pelo poder da sua fé simples e por falar a mesma língua que eles. Tente conectar-se com eles. Sugerimos que a pregação seja simples, positiva e respeite as diferentes crenças. O pregador deve aproveitar esta ocasião em que os ouvintes estão abertos emocionalmente para falar sobre os mistérios humanos: nascimento, amor e morte.

Em segundo lugar, a situação

Situações concretas- batismo, casamento, funeral, são uma excelente oportunidade para iluminar com a Palavra de Deus. Portanto, devemos começar a partir de um texto bíblico que vai ao coração da situação humana. Se não fizermos isso, há o risco de "jogar o tipo teológico" nestes momentos, com linguagem eclesial que alguns ouvintes odeiam. É uma ocasião para a instruí-los na doutrina cristã com grande respeito: por que nascemos, de onde vem a nostalgia do amor e da comunidade, por que acabamos na terra? Devemos mostrar como a Igreja celebra o amor gratuito de Deus em Cristo em todas estas situações (batismo, casamento, enterro), Deus não se desinteressa pelo homem, a quem criou com tanto amor.

Finalmente, algumas conclusões ...

Primeira, o pregador não pode ignorar o estado de ânimo dos ouvintes. Segunda, o pregador deve preparar sua pregação de modo que ajude os ouvintes a ir além de onde eles estão, para vivê-la mais profundamente. Isso oferece o consolo objetivo com o calor de um envolvimento verdadeiramente humano.

E, por último, sempre pregar com palavras humanas, com tom autêntico e vocabulário compreensível a todos, e com tato, sensibilidade e respeito pela intimidade dos vários participantes; com calor humano, um grande coração e uma dose de sabedoria adquirida com as experiências de vida.

Como melhorar a pregação sagrada

(12/07/2013)

Depois de falar da pregação dos exercícios espirituais, quero hoje conversar com vocês sobre alguns tipos de homilia que deveríamos evitar. Assim, vocês poderão esboçar um sorriso depois de terem me aguentado durante a árida explicação dos exercícios espirituais!

HOMILIAS QUE DEVEMOS EVITAR SEMPRE

Homilia improviso: é aquela que o sacerdote “prepara” quando está colocando a alba, o cíngulo, a estola e a casula para a santa missa.

Homilia livresca: homilia com muito cheiro de livro e de escrivãzinha; homilia acadêmica, marmórea, mas carente de coração e de conhecimento dos ouvintes.

Homilia arqueológica: homilia em que o pregador quer fazer incursões em detalhes secundários sobre os fariseus, os essênios, as dracmas, os estádios, a hora sexta, o átrio, o poço... Não explica a mensagem de Deus, e sim curiosidades periféricas.

Homilia romântica: aquela que quer promover lágrimas, sorrisos e água com açúcar, à base de exclamações, interjeições, gritos, linguagem paternalista com adjetivos ternos, diminutivos e aumentativos.

Homilia demagógica: com palavras e mais palavras, quer ficar de bem com o público, traindo tanto a mensagem evangélica quanto o destinatário, desfigurando e distorcendo a doutrina de Cristo.

Homilia literária: mais que uma prédica sagrada, é um exercício literário ou poético.

Homilia antológica: aquela que se transforma numa oportunidade para recordar e trazer à colação todas as frases, sentenças, textos, poesias e definições que o pregador aprendeu de memória ou achou em seus arquivos.

Homilia molusco: invertebrada, gelatinosa, sem argumento, sem conteúdo, sem tema. Nem termina um tema, já começa outro.

Homilia tijolo: puras ideias, sem relação com a vida prática dos ouvintes. A homilia deveria chegar, por assim dizer, até a cozinha da dona de casa, até o trabalho do pai de família, até a cadeira dos estudantes... Mas a homilia tijolo é pesada demais para chegar lá.

Homilia espaguete: enrola, enrola, enrola... Chateia os ouvintes e os faz bocejar.

Homilia cursinho: aborda muitos temas sem concretizar nenhum.

Homilia repetição do evangelho: não consegue tirar uma mensagem do evangelho para os ouvintes, limitando-se a ficar repetindo o que foi lido no evangelho. Será possível que o pregador seja incapaz de tecer uma homilia saborosa com uma ideia clara e bem apresentada? O ouvinte não é bobo!

Homilia técnica: usa o tempo todo uma linguagem teológica que as pessoas não entendem: metanoia, anáfora, parusia, epifânico, histérico, pneumático, mistagogo, escatologia, transubstanciação... A homilia não é uma aula de teologia, e sim uma conversa cordial com os ouvintes e paroquianos.

Homilia vira-lata: o pregador salpica a sua fala o tempo todo com gírias vulgares. Assim é rebaixada a palavra de Deus, a dignidade do profeta e a dignidade dos fiéis, que São Paulo chama de “santos no Senhor”. O pregador não deve jamais se rebaixar, pois está falando em nome de Cristo e da Igreja.

Homilia do mau piloto: o pregador não sabe decolar nem aterrissar. Dá voltas e mais voltas e nunca termina. Até anuncia: “E para terminar”... mas arremete de volta às nuvens... “E agora para terminar”... e lá vai de novo para mais uma volta. Por favor, termine e ponto.

Se algum de vocês, com mais experiência e engenhosidade que eu, quiser citar outro tipo de homilia que deveríamos evitar, por favor, mande-me a sugestão por e-mail. Agradeço de antemão.

Pregação dos exercícios espirituais inicianos (7)

(08/07/2013)

Terminamos hoje as regras de discernimento que Santo Inácio de Loyola apresenta em seus exercícios.

328- REGRAS PARA O MESMO EFEITO COM MAIOR DISCERNIMENTO DE ESPIRITOS, E SAO MAIS CONVINCENTES PARA A SEGUNDA SEMANA.

329 – Primeira regra. É próprio de Deus e dos seus anjos, em suas moções, dar verdadeira alegria e gozo espiritual, tirando toda a tristeza e perturbação que o inimigo suscita. Deste é próprio lutar contra a alegria e consolação espiritual, apresentando razões aparentes, subtilezas e contínuas falácias.

330 – Segunda regra. Só a Deus nosso Senhor pertence dar consolação à alma sem causa precedente. Porque é próprio do Criador entrar, sair, produzir moção na alma, trazendo-a toda ao amor de sua divina majestade. Digo: sem causa, isto é, sem nenhum prévio sentimento ou conhecimento de algum objeto pelo qual venha essa consolação, mediante seus atos de entendimento e vontade.

331 – Terceira regra. Com causa, pode consolar a alma, assim o anjo bom como o mau, para fins contrários: o bom anjo para proveito da alma, afim de que cresça e suba de bem em melhor; e o mau anjo para o contrário, e para ulteriormente trazê-la à sua perversa intenção e maldade.

332 – Quarta regra. É próprio do anjo mau, que se disfarça em anjo de luz, entrar com o que se acomoda à alma devota e sair com o que lhe convém a si, isto é, trazer

pensamentos bons e santos, acomodados a essa alma justa, e, depois, pouco a pouco, procurar sair-se, trazendo a alma aos seus enganos encobertos e perversas intenções.

333 – Quinta regra. Devemos estar muito atentos ao decurso dos pensamentos. Se o princípio, meio e fim são inteiramente bons, inclinando a tudo bem, é sinal do bom anjo. Mas se no decurso dos pensamentos que traz, acaba nalguma coisa má, ou menos boa que aquela que a alma antes propusera fazer, ou a enfraquece, ou inquieta, ou perturba, tirando-lhe a sua paz, tranquilidade e quietude que antes tinha, é claro sinal que procede do mau espírito, inimigo do nosso proveito e salvação eterna.

334 – Sexta regra. Quando o inimigo da natureza humana for sentido e conhecido pela sua cauda serpentina e pelo mau fim a que induz, aproveita à pessoa que por ele foi tentada, verificar logo o decurso dos pensamentos que ele lhe trouxe, e o princípio deles, e como, pouco a pouco, procurou fazê-la descer da suavidade e gozo espiritual em que estava, até trazê-la à sua intenção depravada. Para que, com tal experiência, conhecida e notada, se guarde, daí por diante, de seus habituais enganos.

335 – Sétima regra. Naqueles que progridem de bem em melhor, o bom anjo toca-lhes a alma doce, leve e suavemente, como gota de água que penetra numa esponja; e o mau anjo toca agudamente, com ruído e agitação, como quando a gota de água cai sobre a pedra; e aos que vão de mal em pior, os mesmos espíritos tocam-nos de modo oposto. A causa desta diversidade está na disposição da alma ser contrária ou semelhante à dos ditos anjos. Porque, quando é contrária, entram com ruído e comoção, de maneira perceptível; e quando é semelhante, entram silenciosamente, como em casa própria, de porta aberta.

336 – Oitava regra. Quando a consolação é sem causa, embora nela não haja engano, por provir só de Deus nosso Senhor, como dissemos [330]; contudo a pessoa espiritual, a quem Deus dá essa consolação, deve observar e distinguir, com muita vigilância e atenção, o tempo próprio dessa consolação do tempo que se lhe segue, em que a alma fica quente e favorecida com o favor e os restos da consolação passada. Porque, muitas vezes, neste segundo tempo, por seu próprio raciocínio feito de relações e deduções de conceitos e juízos, ou pelo bom espírito ou pelo mau, forma diversas resoluções e opiniões que não são dadas imediatamente por Deus nosso Senhor. E, portanto, é necessário examiná-las muito bem, antes de se lhes dar pleno crédito e de se colocarem em prática.

Existem outras regras inicianas para *sentir* com a Igreja, e para discernir. Mas é suficiente o que temos exposto.

Pregação dos exercícios espirituais inicianos (6)

(28/06/2013)

Continuamos a exposição sobre a pregação dos exercícios espirituais inicianos. Vimos até agora o que eles são e qual é a sua finalidade, o modo de fazê-los, a duração e como vivê-los (1). Repassamos também os temas que devem ser abordados na primeira, segunda, terceira e quartasemana (2,3,4 e 5). Hoje veremos as regras de discernimento colocadas por Santo Inácio em seus exercícios, e que o diretor tem de explicar durante esses dias. Vou colocar exatamente como Inácio escreveu.

REGRAS DE DISCERNIMENTO PARA A PRIMEIRA SEMANA

313 – Regras para de alguma maneira sentir e conhecer as várias moções que se causam na alma: as boas para as aceitar e as más para as rejeitar, e são mais próprias para a Primeira Semana.

314 – Primeira Regra. Nas pessoas que vão de pecado mortal em pecado mortal, costuma ordinariamente o inimigo propor-lhes prazeres aparentes, fazendo-lhes imaginar deleites e prazeres sensuais, para mais as conservar e fazer crescer em seus vícios e pecados.

Com estas pessoas o bom espírito usa um modo contrário: punge-lhes e remorde-lhes a consciência pelo instinto da razão.

315 – Segunda regra. Nas pessoas que se vão intensamente purificando de seus pecados, e subindo de bem em melhor no serviço de Deus nosso Senhor, o modo de agir é contrário ao da primeira regra. Porque então é próprio do mau espírito morder, entristecer e pôr impedimentos, inquietando com falsas razões, para que não se vá para frente. E é próprio do bom espírito dar ânimo e forças, consolações, lágrimas, inspirações e quietude, facilitando e tirando todos os impedimentos, para que ande para diante na prática do bem.

316 – A terceira, de consolação espiritual. Chamo consolação, quando na alma se produz alguma moção interior, com a qual vem a alma a inflamar-se no amor de seu Criador e Senhor; e quando, conseqüentemente, nenhuma coisa criada sobre a face da terra pode amar em si mesma, a não ser no Criador de todas elas. E também, quando derrama lágrimas que a movem ao amor do seu Senhor, quer seja pela dor de seus pecados ou da Paixão de Cristo nosso Senhor, quer por outras coisas diretamente ordenadas a seu serviço e louvor. Finalmente, chamo consolação todo o aumento de esperança, fé e caridade e toda a alegria

interior que chama e atrai às coisas celestiais e à salvação de sua própria alma, aquietando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor.

317 – A quarta, de desolação espiritual. Chamo desolação a todo o contrário da terceira regra, como obscuridade da alma, perturbação, inclinação a coisas baixas e terrenas, inquietação proveniente de várias agitações e tentações que levam a falta de fé, de esperança e de amor; achando-se a alma toda preguiçosa, tibia, triste, e como que separada de seu Criador e Senhor. Porque assim como a consolação é contrária à desolação, da mesma maneira os pensamentos que provêm da consolação são contrários aos pensamentos que provêm da desolação.

318 – Quinta regra. Em tempo de desolação, nunca fazer mudança, mas estar firme e constante nos propósitos e determinação em que estava, no dia anterior a essa desolação, ou na determinação em que estava na consolação antecedente. Porque, assim como, na consolação, nos guia e aconselha mais o bom espírito, assim, na desolação, nos guia e aconselha o mau, com cujos conselhos não podemos tomar caminho para acertar.

319 – Sexta regra. Uma vez que no tempo de desolação não devemos mudar as resoluções anteriores, aproveita muito reagir intensamente contra a mesma desolação, por exemplo insistindo mais na oração, na meditação, em examinar-se muito e em alargar-nos nalgum modo conveniente de fazer penitência.

320 – Sétima regra. O que está em desolação considere como o Senhor o deixou em prova, nas suas potências naturais, para que resista às várias agitações e tentações do inimigo; pois pode fazê-lo com o auxílio divino, que sempre lhe fica, ainda que o não sinta claramente; porque o Senhor lhe subtraiu o seu muito fervor, o grande amor e a graça intensa, ficando-lhe, contudo graça suficiente para a salvação eterna.

321 – Oitava regra. O que está em desolação trabalhe por manter-se na paciência que é contrária às vexações que lhe advêm, e pense que será depressa consolado, se puser a diligência contra essa desolação, como se disse na sexta regra.

322 – Nona regra. Três são as causas principais por que nos achamos desolados: A primeira é por sermos tibios, preguiçosos ou negligentes em nossos exercícios espirituais. E assim, por nossas faltas, se afasta de nós a consolação espiritual. A segunda, para nos mostrar de quanto somos capazes e até onde nos alargamos no seu serviço e louvor, sem tanto dispêndio de consolações e grandes graças. A terceira, para nos dar verdadeira informação e conhecimento, com que sintamos internamente que não depende de nós fazer vir ou conservar devoção grande, amor intenso, lágrimas nem nenhuma outra consolação espiritual, mas que tudo é dom e graça de Deus nosso Senhor. E para que não façamos ninho em propriedade

alheia, elevando o nosso entendimento a alguma soberba ou vanglória, atribuindo a nós a devoção ou as outras formas de consolação espiritual.

323 – Décima regra. O que está em consolação pense como se haverá na desolação que depois virá, e tome novas forças para então.

324 – Décima primeira. O que está consolado procure humilhar-se e abater-se quanto puder, pensando para quão pouco é, no tempo da desolação, sem essa graça ou consolação. Pelo contrário, o que está em desolação pense que pode muito com a graça suficiente para resistir a todos os seus inimigos, e tome forças no seu Criador e Senhor.

325 – Décima segunda. O inimigo porta-se como uma mulher: fraco ante a resistência, e forte, ante a condescendência. Porque assim como é próprio da mulher, quando briga com um homem, perder ânimo e pôr-se em fuga, quando o homem lhe mostra rosto firme; e, pelo contrário, se o homem começa a fugir e perde a coragem, a ira, a vingança e a ferocidade da mulher é muito grande e se torna desmedida. Da mesma maneira, é próprio do inimigo enfraquecer e perder ânimo, dando em fuga com suas tentações, quando a pessoa que se exercita nas coisas espirituais enfrenta, sem medo, as tentações do inimigo, fazendo o diametralmente oposto. E, pelo contrário, se a pessoa que se exercita começa a ter temor e a perder ânimo em sofrer as tentações, não há besta tão feroz sobre a face da terra, como o inimigo da natureza humana, no prosseguimento da sua perversa intenção, nem com uma tão grande malícia.

326 – Décima Terceira. Porta-se como um namorado frívolo, querendo ficar no segredo e não ser descoberto. Porque, assim como um homem frívolo, que, falando com má intenção, solicita a filha dum bom pai ou a mulher dum bom marido, quer que as suas palavras e insinuações fiquem secretas; e, muito lhe desagrada, pelo contrário, quando a filha descobre ao pai, ou a mulher ao marido, suas palavras frívolas e sua intenção depravada, porque facilmente deduz que não poderá realizar a empresa começada. Da mesma maneira, quando o inimigo da natureza humana vem com as suas astúcias e sugestões à alma justa, quer e deseja que sejam recebidas e tidas em segredo; mas pesa-lhe muito, quando a alma as descobre ao seu bom confessor ou a outra pessoa espiritual que conheça seus enganos e maldades, porque conclui que não poderá levar a cabo a maldade começada, ao serem descobertos seus evidentes enganos.

327 – Décima Quarta. Comporta-se também como um chefe militar para vencer e roubar o que deseja; porque, assim como um capitão e chefe dum exército, em campanha, depois de assentar arraiais e examinar as forças ou a disposição dum castelo, o combate pela parte mais fraca, da mesma maneira o inimigo da natureza humana, fazendo a sua ronda, examina todas as nossas virtudes teologais, cardeais e morais, e por onde nos acha mais fracos e mais necessitados para a nossa salvação eterna, por aí nos atacam e procuram tomar-nos.

Pregação dos exercícios espirituais inicianos (5)

(21/06/2013)

Continuaremos explicando a pregação dos exercícios espirituais inicianos. Vimos até agora o que eles são e qual é a sua finalidade, o modo de fazê-los, a duração e como vivê-los (1). Repassamos também os temas da primeira, segunda e terceira semana (2, 3 e 4). Hoje veremos os temas da quarta e última semana dos exercícios espirituais.

TEMAS DA QUARTA SEMANA

Santo Inácio de Loyola abre a quarta semana com as meditações sobre a Ressurreição de Cristo. Objetivo? Contemplar o Cristo triunfante e glorioso, para sentir intensa e profunda alegria por tanta glória de Cristo. O triunfo de Cristo é o nosso triunfo. Além de contemplar, também temos o objetivo de transmitir ao nosso redor essa alegria interior, infundida pelo Espírito Santo em nossa alma, convertendo-nos em testemunhas de

Cristo ressuscitado, em homens novos que carregam a marca do Cristo triunfante. Sem esquecer Maria, que foi a primeira beneficiada pelo profundo regozijo do Filho Jesus. Também seria proveitosa a meditação sobre a Ascensão do Senhor aos céus, para fortalecer os nossos ânimos e sentir o desejo do céu em todas as nossas atividades aqui na terra.

Usam-se os textos dos evangelhos da ressurreição e propõem-se contemplações das aparições de Cristo Ressuscitado, cheias de profundo sentimento e regozijo: ver os personagens, ouvir o que eles dizem e como reagem, envolver-se na cena e ser impactados pela mensagem que Cristo quer nos dar nessa meditação-contemplação; deixar-nos invadir pela alegria da vitória de Cristo contra o demônio, contra o pecado e contra as forças do mal. Saímos da meditação com decisões da vontade e não só com sentimentos e emoções do coração, dispostos a levar uma vida de homens novos, como São Paulo nos fala em suas cartas.

Ao pregador, nesta semana, recomenda-se o seguinte: apresentar com sóbrio entusiasmo as passagens evangélicas das aparições de Cristo aos apóstolos, como narradas pelo evangelista, enfatizando os frutos que Cristo nos obteve com a sua Ressurreição: paz, alegria, amor, entusiasmo, valentia, firmeza na fé, esperança renovada, etc.

Santo Inácio termina os exercícios espirituais com uma meditação intitulada “Contemplação para alcançar o amor”. Esta contemplação é uma recapitulação sintética dos exercícios, em que a alma contempla todos os benefícios recebidos de Deus durante a vida, seja no âmbito natural, seja no espiritual, para embeber a alma de gratidão e desejo de correspondência a Deus. Contemplação voltada a reorientar o exercitante à vida diária, para exercitar diariamente a própria “*divinização progressiva*”, orientando-se radicalmente a Deus, em ascendência, e buscando com todas as intenções e ações o Deus Vivo e Verdadeiro, para encontrá-lo e servi-lo em todas as coisas. Viver no amor. Viver de amor. Viver com amor a vida cristã, para agradecer a Deus por tantos benefícios.

Santo Inácio de Loyola nos diz que deveríamos terminar os exercícios espirituais rezando e vivendo esta oração: “*Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, todo o meu haver e possuir; Vós me destes tudo, a Vós, Senhor, tudo devolvo; tudo é vosso, dele dispõe conforme a vossa vontade; dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta*”. É a culminação da mística e da entrega total a Deus.

Na próxima coluna, veremos algumas das regras de discernimento que Santo Inácio recomenda ao exercitante e que o diretor deve explicar com cuidado.

Pregação dos exercícios espirituais inacianos (4)

(14/06/2013)

PREGAÇÃO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS INACIANOS (4)

Continuemos explicando a pregação dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Até agora vimos o que são e sua finalidade, como fazê-los e a duração, e como vivê-los (1). Também repassamos os temas que devem ser tratados na primeira e na segunda semanas (2, 3). Hoje veremos os temas da terceira semana de Exercícios Espirituais.

TEMAS DA TERCEIRA SEMANA

Santo Inácio de Loyola abre esta terceira semana com as meditações sobre a Paixão e morte de Cristo para reconciliar-nos com o seu Pai e oferecer-nos a salvação. Objetivo? Contemplar a Cristo paciente e sofrido que vai à paixão e à cruz pelos nossos pecados, para que sintamos dor, sentimentos de tristeza e confusão porque magoamos e ofendemos a Cristo nosso Senhor; e ao mesmo tempo, sintamos gratidão porque com o seu sangue nos redimiu da morte eterna. E desta contemplação tiremos o propósito de deixar o

pecado na nossa vida, única causa de tanto sofrimento e pena de Cristo, e de levar uma vida santa.

Pegam-se os textos dos evangelhos da Paixão e Morte de Cristo, e também aqui propõe-se contemplanções: ver as personagens da Paixão, ouvir o que dizem e como reagem, colocar-se na cena e deixar-se interpelar pela mensagem que Cristo quer dar-nos nessa meditação – contemplação; que esta semana será o sofrer com Cristo sofrido, chorar com Cristo que chora, para que isso provoque na nossa vontade a decisão de deixar o pecado na nossa vida, conhecer mais a Cristo, amá-lo com mais intimidade e imitar as suas virtudes, especialmente a entrega total a Deus e a capacidade de sofrimento seguindo o exemplo de Cristo.

Recomenda-se o seguinte para o pregador nessa semana: pregar com muita unção, sentimento e emoção, repassando os sofrimentos físicos, morais e espirituais de Cristo, da Última Ceia até o Calvário; sofrimento causados por todos nós, e ao mesmo tempo, deverá apresentar esse Cristo obediente e fiel ao plano do Pai Celestial e cheio de amor para com cada um dos homens. O pregador deveria terminar cada contemplação com esta pergunta: "*Se Jesus fez e sofreu tudo isso por mim, o que que eu devo fazer e padecer por Ele, associando-me ao Senhor na sua obra de salvação?*". Nos colóquios da terceira semana, o exercitante deve deixar plena liberdade à ação do Espírito Santo e às suas moções internas. Deve parar nos momentos em que sinta maior consolo, porque aí a ação de Deus é mais intensa. Essa escolha livre e madura que o exercitante teve que fazer na segunda semana, optando por Cristo e pela sua bandeira, agora nesta terceira semana encontra a força de Cristo Redentor para reafirmar a sua decisão por Ele, porque o sangue bendito do Salvador não foi vão e estéril na alma do exercitante.

Pregação dos exercícios espirituais inicianos (3)

(07/06/2013)

Continuamos a exposição sobre a pregação dos exercícios espirituais inicianos. Vimos até agora o que eles são e qual é a sua finalidade, o modo de fazê-los, a duração e como vivê-los (1). Repassamos também os temas que devem ser abordados na primeira semana (2). Hoje veremos os temas da segunda semana dos exercícios espirituais.

TEMAS DA SEGUNDA SEMANA

Santo Inácio de Loyola abre a segunda semana com a meditação sobre o chamado de Cristo Rei ao grande empreendimento da redenção. Cristo chama por amor e livremente quem Ele quer, onde quer, como quer, convidando a segui-lo sem esconder as condições: renunciar a si mesmo, tomar a cruz e segui-lo. Promessa? A sua própria Pessoa divina, a sua amizade e o seu amor, e, depois, a vida eterna.

Seguem-se as meditações sobre a Encarnação, o Nascimento, a Vida Oculta e a Vida Pública de Jesus, com o objetivo de conhecê-lo mais para mais amá-lo e segui-lo na liberdade e no amor. Jesus fez tudo isso por nós para nos reconquistar. E nós, o que estamos dispostos a fazer por Cristo?

Parte-se dos textos dos evangelhos e procura-se fazer não mais uma meditação mental, como na primeira semana, e sim uma contemplação: ver os personagens, ouvir o que eles dizem e como reagem, entrar na cena e deixar-se interpelar pela mensagem que Cristo quer nos dar nessa meditação-contemplação. Saímos da meditação com decisões da vontade, e não apenas com sentimentos e emoções do coração.

Nesta semana, recomenda-se o seguinte ao pregador:

Apresentar os pontos com um texto bíblico e em forma de meditação-contemplação, e não em forma de palestra. Com apenas uma ideia ou verdade, em vários aspectos coerentes, lógicos e estruturados, a partir do texto bíblico. Portanto, evitar pontos que

pareçam “três mundos diferentes e desconexos”. *“Não é o muito falar, não são as muitas ideias o que satisfaz a mente e a alma”*.

Pontos apoiados no magistério de algum Santo Padre que ilustre o mistério contemplado.

De forma original, sim, mas sem querer esgotar todos os aspectos dessa verdade ou o aspecto que se medita. Apresentar a beleza e a objetividade da mensagem de Deus nesse texto, mas sem focar muito na parte moralista, embora ela também seja necessária. A parte moral é justamente o que Deus tem a pedir do exercitante, em seu momento de solidão na oração.

Pontos expressos com brevidade, austeridade e sem muitos recursos oratórios (imagens, exemplos, contos), para não perturbar o clima de oração e de diálogo com Deus. No entanto, deve-se mostrar, na expressão e na exposição, a intimidade e o fervor diante dos mistérios contemplados e expostos ao exercitante. Não se trata tanto de erudição quanto de vibração, de entusiasmo e de ressonância espiritual no apresentar a Pessoa divina de Cristo, um Cristo que se fez homem cheio de amor e de carinho. O pregador sagrado deve entusiasmar com a Pessoa de Cristo. A expressão deve ser cálida, vívida, convicta, positiva e entusiasta. O pregador deve comunicar-se com o auditório, em vez de apenas ler.

Pregação dos exercícios espirituais inicianos (2)

(31/05/2013)

Continuemos explicando a pregação dos Exercícios Espirituais inicianos. No [artigo anterior](#) vimos o que são e a sua finalidade, o modo de fazê-los e a duração, e como vivê-los.

Hoje vamos dar mais alguns passos. Veremos quais são os temas que o pregador sagrado tem que tratar nos Exercícios Espirituais, se queremos chamá-los de Exercícios Inicianos.

Primeiro, uma **anotação preliminar**. Para obter o resultado e a finalidade desejadas, Santo Inácio usa só umas poucas palavras, mas estas são selecionadas para produzir uma profunda impressão na mente e, se são seriamente meditadas pelo exercitante e fomentadas na sua alma, logo chegarão a ser poderosos pensamentos e se converterão numa fonte de grande iluminação espiritual e conseqüentemente de sinceras e enérgicas resoluções da vontade. Porém, ainda que o método de Santo Inácio deixa os exercitantes pensar por si mesmos, o autor não pretende que eles devam fazê-lo sem guia. Ele coloca o “Livro dos Exercícios” nas mãos de um diretor – nosso pregador -, e coloca nas suas mãos o exercitante, com o qual deveria reunir-se ao final do dia para repassar juntos os afetos, as consolações e desolações do coração do exercitante. Ele lhe ensina como guiar uma alma na eleição do estado de vida e na tarefa de auto-reforma. As anotações, que são a chave para os “Exercícios”, destinam-se mais especialmente para o diretor. A maioria delas - a segunda, sexta, sétima, oitava, nona, décima, décima segunda, décima terceira, décima quarta, décima quinta, décima sétima, décima oitava, um total de doze de vinte – estão escritas para “aquele que dá os Exercícios”. A décima quinta o aconselha a proceder com grande discrição, para não interferir entre o Criador e a criatura, e a abster-se, especialmente no caso de um retiro de eleição, de qualquer sugestão relativa à determinação que deve tomar, ainda quando fosse, falando estritamente, para o melhor. Este conselho mostra o quão falsamente algumas críticas dos Exercícios os representam como levando indevida influência para conduzir a vontade, com o objetivo de escravizá-la ou paralizá-la. Nada disso. Pelo contrário, o diretor, respeita a liberdade da alma, uma liberdade já regularizada pela autoridade da Igreja, da qual ele é o representante.

Segundo, vejamos **os temas que devem ser meditados** durante as semanas ou dias dos Exercícios.

TEMAS DA PRIMEIRA SEMANA

Na primeira semana – ou no primeiro dia, se os Exercícios são de três dias; ou nos três primeiros dias se são de oito dias – o pregador oferece meditações sobre o **Princípio e Fundamento** da nossa vida, ou falado de outra forma, o **Plano de Deus** para o homem: **de onde viemos, para onde vamos e para que estamos na terra, e qual foi a resposta do homem a esse plano de Deus**. Sempre com textos bíblicos, logicamente. Nessa meditação mental procura-se pensar com a mente nessa verdade; essa verdade é baixada ao coração para ser sentida e amada, e depois convida-se a vontade para que aceite essa verdade na liberdade e amor com todas as suas consequências. As três faculdades do homem colocadas em ação durante a meditação: mente, coração e vontade.

Essa verdade do Princípio e Fundamento se resume assim: **Deus nos criou, por isso viemos Dele, e nos criou para Ele, por isso vamos a Ele, e estamos na terra para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo com amor e livremente, para fazer a sua Santíssima Vontade onde Ele quer – como leigo, como consagrado, como sacerdote -, ser felizes e alcançar a salvação eterna**. Este é o plano de Deus para todo homem.

Nessa semana também se medita na **resposta do homem, o pecado**, ou seja, a desobediência a Deus para seguir o seu próprio plano egoísta. O pregador meditará com o exercitante na realidade do pecado e nas suas consequências, e no que a tradição da Igreja chamou **as verdades eternas ou os novísimos**: morte, juízo, purgatório, inferno e céu. Termina essa semana contemplando a misericórdia de Deus em Cristo Jesus que nos espera e que nos perdoa. Por isso, ao final desta primeira fase ou semana, é muito aconselhável que o dirigido faça uma boa **confissão geral**, de toda a vida (se é a primeira vez que faz Exercícios), ou do ano. Seria sintoma de que os Exercícios Espirituais estão tendo um efeito positivo e sanante na alma do exercitante.

A pregação dos exercícios espirituais inicianos (1)

(24/05/2013)

Depois de explicar o que é um retiro espiritual de um dia ou de meio dia, tratarei hoje dos exercícios espirituais, em conformidade com as ideias de Santo Inácio de Loyola, a quem Deus inspirou este método de oração e de transformação interior no século XVI, o século de ouro espanhol, e que a Igreja recomenda vivamente até hoje.

Santo Inácio considerava os exercícios não como "obra sua", mas como um dom de Deus para toda a Igreja. Ele concebeu e realizou os exercícios não como doutrina especulativa, mas experimentou-os ele próprio numa gruta-mosteiro de **Manresa**, onde, durante quase um ano, levou vida de asceta e penitente, e, como escreve em sua **Autobiografia**, "*tratava com Deus da mesma forma que um menino trata com seu professor*" (Autobiografia, 27).

Primeiro, falemos do **que são os Exercícios Espirituais e da sua finalidade**. São um método espiritual e prático ao mesmo tempo, para (1) escutar a Deus e ordenar a vida de acordo com Deus, ou seja: acomodar cada coisa em seu lugar conforme a vontade de Deus, que deve ser sempre a bússola da nossa vida; (2) fazer, assim, uma opção madura, livre, amorosa, depois de um sério discernimento na presença de Deus e com a ajuda do diretor espiritual; e, finalmente (3), escolher o que Deus quer de cada um de nós para darmos glória a Ele e sermos felizes aqui e na outra vida. O Evangelho é a medula dos exercícios espirituais.

Segundo, há **dois modos de realizá-los**. (1) Os chamados exercícios espirituais em casa, durante os quais se mantêm as tarefas comuns do próprio estado de vida. É uma adaptação que Santo Inácio mesmo fez, em sua anotação 19, para que pessoas muito ocupadas

pudessem fazer seus exercícios sem abandonar as atividades cotidianas: elas vão, à tarde ou à noite, até uma igreja ou local apropriado em que um sacerdote ou leigo bem preparado lhes oferece uma meditação; voltam para casa e, durante o dia, procuram refletir nas ideias dos exercícios, sem deixar de cumprir as suas tarefas e trabalhos; (2) o outro modo consiste em dedicar alguns dias, no mínimo três, em uma casa de retiro, sem outras ocupações, para entrar em oração com a tranquilidade necessária, escutar a Deus, dialogar com Ele e revisar a própria vida a fim de mudar o que deve ser mudado, de modo que a vida corresponda ao plano de Deus.

Terceiro, *qual é a duração dos exercícios espirituais?* No plano original de Santo Inácio, eles deveriam durar um mês, ou quatro semanas. Cada semana tem um objetivo concreto que poderíamos resumir assim em latim: na primeira semana, *“deformata reformare”* (reformatar o que está deformado em nós, devido ao pecado e aos apegos que nos impedem de cumprir a vontade de Deus e atrasam a nossa santificação); na segunda, *“reformata conformare”* (conformar o que foi reformado, ou seja, conformar a nossa vida com Cristo Ideal e Modelo); na terceira, *“conformata confirmare”* (confirmar e consolidar o que foi conformado, meditando na Paixão e Morte de Cristo e deixando que o seu sangue bendito nos una à sua cruz); e na quarta, *“confirmata transformare”* (transformar, por meio do amor, o que foi confirmado: as decisões da vontade, graças ao poder de Cristo Ressuscitado e à força do seu Espírito, refletindo uma vida luminosa, cheia de fervor e de zelo ardente pela glória de Deus e de testemunho convicto perante os outros).

Quarto, *como vivê-los?* Eu sugiro sempre quatro atitudes, e, para gravá-las melhor, elas são “quatro S”. Em **Silêncio**. Com **Serenidade**. Com **Sinceridade**. Com **Seriedade**. *Em silêncio*, para escutar com nitidez a voz de Deus e a voz do meu próprio coração; silêncio interior e silêncio exterior. *Serenidade*, para que o demônio não aproveite para nos tirar a paz ao meditarmos sobre os nossos pecados e apegos. *Sinceridade*, para chamar as coisas pelo nome. E *seriedade*, porque com Deus não se brinca e de Deus ninguém escarnece. Deus é Pai, mas não é um bonachão.

Na próxima semana, continuaremos explicando esse tipo de prédica sagrada que são os exercícios espirituais.

Retiro espiritual mensal

(17/05/2013)

Pregar é uma arte: por isso, temos que aprender a pregar. Poeta se nasce, mas orador não. O orador se faz.

Como é triste ouvir prédicas, homilias e palestras sem ordem, sem estrutura, sem lógica, sem unção, sem entusiasmo, sem concreção! É um verdadeiro martírio! A mensagem de Deus fica tão minguada, tão maltratada!

Em compensação, que alegria quando ouvimos um bom sermão, uma excelente conferência ou homilia! O tempo nem passa e ficaríamos escutando aquela pessoa durante horas! Essa pessoa é um aqueduto de Deus-Palavra. Nós temos que colocar toda a nossa pessoa em cada pregação. O orador Cícero diria: *“A ação deve ser moderada com o movimento do corpo, com o gesto, com o rosto e com a voz”* (Sobre o orador 1,5).

Hoje falaremos de como preparar e dar um retiro espiritual de silêncio.

RETIRO ESPIRITUAL MENSAL

Primeiro, *começamos pela importância do retiro*. A Igreja sempre nos aconselhou retirar-nos uma vez por mês, durante meio dia ou durante um dia inteiro, para interromper o ritmo do trabalho apostólico, ministerial, catequístico, familiar ou profissional e nos dedicar à oração, à escuta de Deus e ao exame da própria vida, com o objetivo de crescer na nossa transformação em Cristo, conseguir a santidade a que Deus nos chama e sacudir o pó da

estrada. Tudo isto em clima de gratuidade e de liberdade, sem nos sentirmos obrigados nem coagidos. Vamos ao retiro porque queremos, não porque nos mandaram nem porque está na programação da comunidade ou do grupo. Queremos alimentar a chama do nosso fervor espiritual. Quem entra em retiro receberá a visita do Inesperado, seja como fogo, como bálsamo, como silêncio, como noite escura ou como luz resplandecente.

Segundo, **esclareçamos o que é e o que não é um retiro**. O retiro não é um mero encontro fraterno. Não é um curso de psicologia nem um dia de estudo. Retiro é retiro. É um afastar-se, um recolher-se, é fazer uma viagem até o fundo do nosso coração, é um deixar de lado as coisas cotidianas, subir ao Tabor da oração, adentrar no mistério de Deus e lhe perguntar: “*Senhor, o que queres de mim? Como está a minha fidelidade a ti?*”.

Terceiro, **expliquemos como seria a organização espiritual do retiro**. Tem que ser abordado um tema espiritual único: (1) Tema aprofundado intimamente numa **meditação** com um texto bíblico, seja em forma de *Lectio Divina*, seja em forma de meditação mental ou de contemplação, durante 45 minutos ou uma hora; meditação dirigida por um sacerdote, pessoa consagrada ou leigo preparado, que esteja à frente do grupo. (2) Segue-se um **momento de deserto**, em que cada um medita a sós sobre o texto explicado, em silêncio com Deus, seja caminhando, seja sentado no jardim ou na capela. (3) Também é proveitosa uma **palestra** mais explicativa ou exortativa, que aprofunde o tema do retiro. (4) Deve haver um momento de **reflexão pessoal**, para o qual o diretor do retiro oferecerá perguntas simples sobre o tema, diante do Santíssimo exposto. (5) Não deveria faltar num retiro espiritual o momento da **confissão sacramental**. (6) E o retiro deveria terminar com a **celebração da Eucaristia**. Há quem também sugira, depois do retiro e antes de voltar às ocupações cotidianas, um momento de **convivência fraterna** e espiritual para se partilhar o que foi tratado no retiro.

Ofereço, para terminar, **um modelo esquemático** do que poderia ser um retiro.

Tema: Por ser batizados, somos chamados à santidade.

Meditação: texto bíblico “Sede santos porque Eu sou santo” (1 Pedro 1, 16), desenvolvido em três pontos: (1) *Deus é santo e é a fonte de santidade*. (2) *Ser de Deus e para Deus exige de mim a santidade de vida*, que consiste em me deixar santificar por Deus na oração e lutar contra o pecado em todas as suas formas. (3) *Muitos tentam viver já aqui a santidade praticando as bem-aventuranças, espelho da santidade, e estão derramando o perfume da sua santidade ao seu redor*: por que eu não?

Palestra: procura aprofundar a meditação. Posso desenvolvê-la em vários pontos: (1) **Quem** me pede ser santo: Deus, meu Senhor; (2) **Por que** Ele me pede ser santo: porque eu sou batizado; (3) **Para que** Ele me pede ser santo: para transmitir a sua imagem com clareza e chegar ao céu; (4) **Onde** Ele me pede ser santo: no meio das minhas tarefas diárias; (5) **Que meios** eu tenho para ser santo: oração, sacramentos, sacrifício, devoção a Maria... (6) **Que frutos** eu colho com a minha santidade: transformação interior de todo o meu ser e transformação do meu ambiente, como levadura e fermento na massa.

Perguntas para a reflexão em silêncio diante do Cristo Sacramentado: (1) Eu me deixo santificar por Deus ou crio obstáculos? Quais?; (2) O que me impressiona dos santos que já estão com Deus no céu?; (3) O que aconteceria na minha casa, no meu trabalho, no meu ambiente, na paróquia... se eu me decidisse a ser santo de verdade?

Panegírico

(10/05/2013)

Quero agradecer sinceramente pelas contribuições e sugestões que os leitores têm me enviado. Eu valorizo e guardo todos os conselhos de vocês como ouro!

Vejamos, agora, o próximo tipo de pregação.

PANEGÍRICO

Primeiro, o que é um panegírico e qual é a sua finalidade? É um tipo de prédica que se faz no dia do padroeiro do lugar ou da paróquia. Seu objetivo é narrar a vida do santo para inspirar o povo e para que se possam aprender as lições e virtudes que o padroeiro praticou na vida. O panegírico é feito uma vez por ano. Pode ser feito dentro da missa, como homilia, ou fora da missa, quando a sua extensão pode ser maior que a de uma homilia.

Segundo, como fazer? De início, **narra-se a vida** do santo no seu contexto histórico, de modo agradável, vivo, atrativo. Depois, **comenta-se a virtude** mais importante do santo, a virtude que nos interessa destacar. Finalmente, procura-se **trazer este santo para o nosso “aqui e agora”**: temos que fazê-lo caminhar pelas nossas estradas e ruas. Cada santo continua sendo atual hoje.

Apresento a seguir um possível modelo de panegírico sobre São Pio de Pietrelcina.

Primeiro: contemos a vida que ele viveu e as provações que Deus lhe permitiu enfrentar.

Segundo: “A nossa paróquia se alegra com o seu padroeiro e quer aprender dele, acima de tudo, a capacidade de sacrifício oferecido por amor e no amor”. Neste momento, explica-se um pouco sobre a virtude do sacrifício: o que é, por que sofremos, para que sofremos, como devemos sofrer...

Finalmente: “Estejamos conscientes de que nós também atravessaremos sofrimentos: sofrimento físico, moral ou espiritual...”. Citar casos concretos de pessoas que sofrem. “Aprendamos do santo Padre Pio”. E com um texto do padre Pio, encerramos o nosso panegírico.

Aproveitamos hoje para resumir os conselhos que a oratória pede em toda pregação:

Primeiro: passar uma única ideia, com o seu objetivo claro. “Temos que ser santos, cada um no lugar e na missão em que Deus o colocou”.

Segundo: essa ideia é desenvolvida em dois ou três aspectos lógicos, estruturados e claros, que explicitam a ideia e o objetivo. “Eu tenho que ser santo, **primeiro**, por ser batizado; **segundo**, eu posso ser santo porque tenho todos os meios para ser santo; e **terceiro**, será que eu realmente quero ser santo? Isto é que é decisivo”. Percebem os pontos progressivos, claros, estruturados do mesmo tema?

Terceiro: ideias concretizadas e sensibilizadas para a vida dos ouvintes no seu dia a dia. “Você, trabalhador, tem que ser santo no seu **trabalho** de cada dia, trabalhando com honestidade e com alegria... Você, estudante, tem que ser santo, levando a sério o seus **estudos** para ajudar a humanidade e para ter um bom futuro... Você, mãe de família, tem que ser santa **educando** os seus filhos na lei e no amor a Deus, cuidando e se sacrificando por eles e pela sua família... Eu conheci X, que vivia... Se Agostinho de Hipona, apesar dos seus muitos pecados, foi santo, por que é que eu não posso ser?”.

E quarto: ideias manifestadas com convicção, imaginação, força, positividade e amabilidade, empregando imagens, contrastes, comparações, parábolas, mudanças de voz, perguntas, suspenses. “É claro que você pode! Você já tentou alguma vez? Quem disse que você não pode ser santo? Você tem a ‘madeira’ para ser um santo de verdade; só precisa de um bom escultor, como dom Bosco foi um bom escultor da madeira de São Domingos Sávio. Vamos lá, tente!”.

Pregação meditada diante do Santíssimo Sacramento

(03/05/2013)

Uma breve introdução ...

O pregador tem que ter claro o que irá transmitir (**objetivo**) e o porquê (**finalidade**). Senão, em vez de ser uma ponte entre o texto bíblico e a situação do ouvinte, a sua pregação será como uma encruzilhada de caminhos sem indicadores de direção.

Quem prega a esmo desperdiça sua energia e suas forças, e, ao longo do tempo, não conquistará seus ouvintes. Mas se indica qual é a sua intenção e pode mostrar também caminhos de como quer chegar ali, a pregação recebe uma clareza de objetivos e uma tensão.

Se não se tem em consideração esses objetivos, o pregador dará sermões, ou seja, exigirá e chamará a atenção, mas não preparará. Isso desanima os ouvintes, e não deixa ver o caráter gozoso da Boa Nova do Evangelho. Este objetivo tem que estar bem claro desde a introdução ou exórdio, e pode-se unir ao que os clássicos chamavam “proposição”, quando o pregador propõe os pontos desse discurso ou dessa homilia.

Depois de enunciar a finalidade ou objetivo, podem-se formular os problemas, resistências ou objeções dos ouvintes com relação a essa verdade que estou propondo. Depois disso, o pregador já está preparado para o seu discurso ou homilia, iluminando essas situações e problemas com a luz do Evangelho. A missão do pregador não é tanto dar uma solução a um problema ou situação do ouvinte quanto iluminar essa situação a partir do Evangelho e da vivência de Jesus, oferecendo ao coração e à vontade dos ouvintes um leque de possibilidades.

E agora sim, continuemos com os **vários tipos de pregação sagrada**. Hoje veremos uma meditação evangélica diante do Santíssimo Sacramento exposto para a nossa adoração. O sacerdote pode dirigí-la, o diácono, uma religiosa ou qualquer leigo.

PREGAÇÃO MEDITADA DIANTE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Primeiro, o que é uma meditação diante de Cristo Eucaristia, solenemente exposto, e a finalidade da mesma? É uma reflexão evangélica ou bíblica dirigida ao contato íntimo com Deus, aí presente na custódia, para falar com ele, e assim deixar que Deus vá nos transformando interiormente ou melhorando algum aspecto da nossa vida espiritual.

Em segundo lugar, quais são as qualidades desta meditação? Parte-se de um texto bíblico, do qual extraímos uma única idéia ou tema. Desenvolvemos essa idéia em dois ou três aspectos lógicos e estruturados, suculentos e íntimos. Essas idéias devem ser expressas em linguagem espiritual, íntima, mas sempre com convicção e sentido. Idéias que discretamente toquem a vida dos ouvintes no seu dia a dia. Idéias apoiadas com alguma citação de um Santo Padre que comente esse aspecto. Deve-se evitar diante de Cristo as piadas ou fazer os ouvintes rirem, porque não é o lugar nem o momento.

Em terceiro lugar, aqui está um possível modelo de ideias para uma meditação diante de Cristo. Por exemplo, meditemos no cego Bartimeu (Marcos 10, 46-52). **Uma única idéia:** vejamos hoje o processo ou passos da visão de fé neste cego. Aqui estão os **três aspectos** dessa ideia: **Primeiro passo**, aproxima-se de Cristo com esperança. **Segundo passo**, grita com a oração humilde. **Terceiro passo**, aceita de Cristo o remédio para a sua cura com a sua obediência. **Resultado:** ficou curado. Nós também precisamos da cura dos nossos olhos interiores para poder ver a mão de Deus na nossa vida. São Jerônimo no fala o seguinte quando comenta esta passagem evangélica...

Pregação ou palestra apologética

(26/04/2013)

Vamos resumir um pouco os quatro tipos de palestras ou discursos explicados até agora e que normalmente utilizamos no nosso ministério sacerdotal, diaconal ou como catequistas.

Em primeiro lugar, o **discurso explicativo** destinado à mente do ouvinte, no qual se explica ordenadamente as verdades da fé.

Em segundo lugar, o **discurso persuasivo** direcionado à vontade do ouvinte, no qual se dá motivos mais do que fortes para que ele decida a fazer o que proponho.

Em terceiro lugar, o **discurso emotivo** direcionado à sensibilidade e à emoção, no qual tenta-se comover o coração frente à uma verdade.

E em quarto lugar, o **discurso demonstrativo** dirigido à razão, no qual se dará provas filosóficas, teológicas e científicas para demonstrar uma verdade de fé, de razão ou de ciência.

Pregação ou palestra apologética

Agora, darei um passo a mais na explicação dos **vários tipos de pregação** que faremos. Vamos explicar o que é um **tema apologético**.

Em primeiro lugar, o que é e qual é a finalidade da apologética? A apologética é a parte da teologia que procura explicar o que acreditamos e fazemos como católicos e, também, expõe os erros para proteger a integridade da fé. Com esse tema apologético pretendemos defender a própria fé diante de muitos incrédulos e agnósticos que negam ou atacam essa verdade bíblica, teológica, moral, filosófica ou científica. Pretendemos também defender essa fé diante de quem nos pede razões dela. Não é somente mostrar o erro dos céticos e hereges, mas especialmente trazê-los à luz de Cristo para que assim, abram-se à salvação. Não obrigo ninguém, simplesmente proponho-lhes esta verdade e a defendo.

Em segundo lugar, quais são as qualidades ao dar um tema apologético?

Os argumentos devem ser retirados da filosofia, teologia, dogma, ciência e da experiência.

Esses argumentos devem ser especificados com ordem e estrutura, com força e convicção, agilidade e ironia. E sempre em diálogo com o ouvinte que está presente aí. Temos que tê-lo em brasas todo o tempo.

Mas também expressando tudo com mansidão e bondade, sem ser rude, agressivo, furioso e desrespeitoso.

Alguns dos temas mais típicos da apologética são estes: a Igreja não é santa, as riquezas da Igreja, os Evangelhos são autênticos ou não, o celibato dos padres, a Igreja Católica é a verdadeira Igreja fundada por Cristo, a Igreja apoia a ciência, a ideologia de gênero não é moralmente aceitável, mulheres sacerdotes: sim ou não, todas as religiões são iguais ou não, e mil e outros temas ...

Em terceiro lugar, aqui está um exemplo de um tema apologético. Tema: quero defender o celibato dos padres. Em **primeiro** lugar, Sr. X, você não sabe que o celibato é um dom de Deus que o dá a quem ele quiser...? E agora é a hora de explicar esse dom do celibato com argumentos teológicos, bíblicos e da Tradição da Igreja. Em **segundo** lugar, Sra. X, você queria que os padres fossem casados porque não entendia o celibato, saiba que além de ser um dom de Deus é também uma opção desse homem escolhido por Deus que sente esse chamado de ser sacerdote. Ninguém obriga o sacerdote a ser célibe. **Terceiro**, você jovem que me perguntou sobre o motivo do celibato, saiba que é muito oportuno viver assim como célibe para que esse sacerdote esteja disponível 24 horas, assim como Cristo que viveu célibe toda a sua vida; o sacerdote é outro Cristo. Portanto, é lógico que o padre viva como Cristo. A Igreja católica nos confirma nestes documentos que o sacerdote católico tem que abraçar livremente o carisma do celibato: “*sacerdotalis coelibatus*” do Papa Paulo VI... Santo Tomas de Aquino faz essa bonita comparação para explicar o carisma do celibato. Deus dará as forças para que esses sacerdotes sejam fieis a esse dom e mistério do celibato.

Pregação ou palestra demonstrativa

(19/04/2013)

Hoje nos corresponde explicar o **discurso** ou **palestra demonstrativa**. Já vimos o discurso explicativo, o discurso persuasivo e o discurso emotivo.

Toda palestra ou discurso demonstrativo está dirigido especialmente à **razão**. Lembrem-se que a palestra ou discurso explicativo estava dirigido sobretudo à **mente que queria explicação clara**. A palestra persuasiva se dirigia à **vontade que pedia motivos fortes**. A palestra emotiva à **sensibilidade para comovê-la**. Esta agora, à razão.

Em todo discurso demonstrativo queremos demonstrar uma verdade para que os ouvintes se convençam, desterrando seus prejuízos teóricos ou práticos. Aqui o pregador usa argumentos e silogismos para que a razão do ouvinte derrube os muros dos prejuízos. É importante este discurso porque existem prejuízos mentais e afetivos, por trás dos quais pode-se esconder uma atitude de vida contrária a Deus e à sua santa Lei. Por isso, muitos não querem mudar de vida. Já dizia Santo Agostinho que alguns negam a Deus porque lhes convém que não exista para continuar fazendo o que quiserem.

I - Primeiro, coloquemos as **características** deste discurso demonstrativo:

Com sempre tenho que dar um único tema, de forma razoável, desenvolvido em dois ou três aspectos lógicos, estruturados e contundentes.

Tenho que demonstrar tudo com fortes e sólidos argumentos científicos, filosóficos e teológicos que desfaçam os preconceitos mentais ou afetivos do ouvinte.

Tenho que pronunciá-lo com grande força argumentativa, agilidade, ironia. Normalmente são pessoas muito inteligentes que nesse momento estão me escutando.

Tenho que dar exemplos que provem essa verdade que estou demonstrando.

E, no final, é sempre aconselhável **dar uma citação** de um Santo Padre sobre o assunto, porque citar um Santo Padre é como subir em ombros de gigantes.

II - Em segundo lugar demos agora **o esquema de todo discurso demonstrativo:**

Uma introdução firme, forte, decidida, colocando o problema existencial, filosófico ou teológico. Ajuda dar algumas estatísticas ou colocar um caso concreto.

Proposição clara, enunciando as provas que depois demonstrarei com vigor, contundência e convicção.

Desenvolvimento do tema com silogismos científicos, filosóficos e teológicos, bem provados e com exemplos.

Uma conclusão clara e contundente. O ouvinte tem que sair com a mente bem clara. Que aceite ou não essa verdade que o pregador expôs, é outro tema, porque o orador não pode obrigar ninguém.

III - Em terceiro lugar, ofereço-lhes o **esquema de um possível discurso demonstrativo**. Quero demonstrar a existência de Deus. **Primeiro**, Deus existe, amigo, e a ciência nos dá a razão (trazer aqui argumentos científicos que provem isso). **Segundo**, Deus existe, e a filosofia apoia essa afirmação (explicar as provas da existência de Deus dos grandes filósofos). **Terceiro**, Deus existe, assim o prova também nosso coração feito para Deus, como nos dizia Santo Agostinho no começo do seu livro “Confissões”. Por tanto, Deus sempre existirá, acredite ou não acredite, porque a existência de Deus não depende de você.

O discurso emotivo

(12/04/2013)

Depois de abordar os discursos explicativos e persuasivos, quero agora falar com vocês sobre o discurso emotivo.

Toda palestra ou discurso emotivo se volta especialmente à sensibilidade, afetividade e sentimentos dos ouvintes: eu quero fazê-los *sentir* uma determinada verdade, para que eles se emocionem, se sensibilizem e, como resultado, ajam.

Lembrem-se de que a palestra ou discurso explicativo se volta principalmente à mente. A palestra persuasiva se volta à vontade. E a palestra emotiva se volta principalmente à sensibilidade.

É uma palestra muito propícia em determinados momentos do ano: Natal, Semana Santa, casamentos, aniversários, missas de exéquias, discurso na formatura do filho...

Primeiro, vamos às características deste discurso emotivo:

- Devo desenvolver, como sempre, apenas um tema, de forma vívida, aprofundando dois ou três

aspectos lógicos e estruturados.

- Devo suscitar diversos sentimentos conforme as circunstâncias: alegria ou tristeza, temor ou

confiança, amor ou desafeto, atração ou aversão.

- Devo fazer uso, como também no discurso persuasivo, dos famosos tópicos do filósofo

grego Aristóteles: quem, o que, quando, onde, por quê, para quê, quantas vezes, como

(quis, quid, quando, ubi, cur, ad quid, quotiens, quomodo).

- Devo pronunciá-lo com emoção e carga afetiva. O poeta Horácio dizia: “Se queres que eu chore, tens que chorar primeiro” (Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi).

- Devo evitar a ternura barata e os parágrafos patéticos de oratória fora de moda. Hoje é mais emocionante contar um fato histórico, um exemplo bem narrado e com um protagonista concreto, do que usar muitas palavras dramáticas e lágrimas fáceis.

- No final, é sempre recomendável citar um papa abordando o tema em questão, pois citar um Santo Padre é subir em ombros de gigante.

Segundo, vejamos o esquema de todo discurso emotivo:

- Uma introdução viva e emocionada, com estatísticas, exemplos, notícias, fatos históricos, contrastes. Tudo narrado com forte carga afetiva.

- Um parágrafo estruturado e cheio de sentimento, que, na oratória, chamamos de proposição: nele eu especifico qual é o fruto espiritual e interior que deve ser conseguido com esta palestra.

- Desenvolvimento do tema em dois ou três aspectos bem valorizados, desenvolvidos e visualizados.

- Uma conclusão ou peroração intensa, em que faço um breve resumo ou recapitulação do discurso.

Terceiro, sugiro o esquema de um possível discurso emotivo.

- Tema: o pecado machuca Deus.

- Em primeiro lugar, o pecado machuca Deus, que é teu Pai... Que tristeza para Deus!

- Em segundo lugar, o pecado machuca Cristo, que é teu amigo íntimo... Que ingratidão!

- Em terceiro lugar, o pecado machuca o Espírito Santo, que é o doce hóspede da tua alma... Que descaramento!

- Por isso, afasta o pecado da tua vida e sente o quanto Deus fica feliz contigo, e sente, ao mesmo tempo, a felicidade e o amor de Deus dentro do teu coração.

- São João Crisóstomo tem um texto esplêndido sobre este assunto. Vou contar para vocês o caso da menina santa Maria Goretti, mártir da pureza, que preferiu morrer a ofender a Deus com o pecado.

Pregação ou discurso persuasivo

(05/04/2013)

Continuaremos a explicar os vários tipos de pregação sagrada. Anteriormente, vimos a palestra ou discurso explicativo. Hoje, veremos a pregação ou discurso persuasivo.

Qualquer conversa ou discurso persuasivo é dirigido particularmente à vontade dos ouvintes para decidir ou fazer o que eu estou propondo, porque é um bem que os realiza como homens, como cristãos, como profissionais. Lembre-se que a palestra ou o discurso explicativo foi direcionado principalmente à mente. Este será direcionado à vontade.

Primeiramente, vamos às características do discurso persuasivo:

Um único tema persuasivo e convincente: “Deixe as drogas... Confesse uma vez ao mês... Vá a missa todos os domingos ... Obedeça a vossos pais ... Estude com responsabilidade e seriedade ... Faça apostolado ... Apoie financeiramente sua paróquia ... Faça esporte todos os dias durante meia hora, etc ... ”.

Devo apresentar esse tema com duas ou três razões fortes e convincentes tiradas da Sagrada Escritura, da história, da experiência própria ou de terceiros. A vontade só vai se mover se encontrar razões fortes para fazer ou deixar de fazer aquilo que o pregador propõe.

Devo dar peso e valor a estas razões com a força do sentimento, desvendando alguns tópicos do famoso filósofo grego Aristóteles: quem, o quê, quando, onde, por que, o que, como, muitas vezes, como (quis, quid, quando, ubi, cur, ad quid, quotiens, quomodo). O homem não é só cabeça ou vontade, mas também emoção e coração; por isso temos que tocar a sensibilidade do ouvinte para que sinta a verdade que estou propondo.

Devo pronunciá-lo com força persuasiva, variação no tom de voz, com perguntas aos ouvintes, fina ironia, momentos de silêncio e sempre enfatizando os aspectos positivos.

Devo dar exemplos de santos ou pessoas exemplares no tema que estou dando.

E, no final, é sempre aconselhável fazer uma citação do Santo Padre sobre o assunto, pois citar um Santo Padre é como andar sobre os ombros de gigantes.

Segundo, vamos agora ao esboço do discurso persuasivo:

Uma introdução atraente com estatísticas, exemplos, notícias, fatos históricos, comparações. Desde o início, lançar algumas objeções que os ouvintes têm sobre o assunto a ser discutido, e depois o pregador vai dando as respostas.

Desenvolver um parágrafo estruturado e vigoroso (na oratória é chamado de "proposta"), onde termino com os motivos que irei provar e valorizar. Por exemplo: jovem, se você estudar com responsabilidade (o meu fim), você poderá ter um futuro melhor e conseguirá um ótimo trabalho (primeiro motivo), amadurecerá como ser humano (segundo motivo) e certamente irá ajudar a humanidade com o resultado de seus estudos (terceiro motivo), você não acha?

Desenvolvimento dos três motivos que formulei nesse parágrafo ou frase: motivos que devem ser provados, avaliados e pronunciados com força, vigor, variação de tom, ênfase ... como indicado anteriormente.

Uma conclusão ou peroração em que se resume brevemente o discurso. Procure deixar uma frase curta ou “chave”, como um slogan.

Terceiro, ofereço um possível esquema para os jovens sobre as drogas. Objetivo: jovem, deixe a droga o quanto antes. Motivos: primeiro, deixe as drogas, porque as drogas destroem o seu corpo físico (dar estatísticas médicas e científicas para provar esse primeiro motivo) Eu conheço o caso de um jovem (comprovação de experiência) ... por que se drogava, quando usou drogas, quando experimentou? Em segundo lugar, deixe as drogas porque a droga destrói sua psique ... Dr. X tem um estudo muito interessante sobre isso. Em terceiro lugar, deixe a droga porque a droga destrói a sua família. Deus na Sagrada Escritura nos diz ... A Beata Madre Teresa de Calcutá tem este maravilhoso texto sobre este assunto.

Pregação ou palestra explicativa

(02/04/2013)

Estamos explicando os vários tipos de pregação sagrada. Na semana passada vimos a homilia. Hoje veremos a pregação ou palestra explicativa.

Pregação ou palestra explicativa

Gostaria de explicar uma verdade da fé, da liturgia ou da moral, para que os ouvintes a entendam bem. Aqui o pregador lança mão da explicação clara, ordenada e estruturada para que a inteligência do ouvinte entenda. Trata-se de uma palestra explicativa ou discurso explicativo, dirigido principalmente à **mente** dos ouvintes para que entendam esse tema.

Esta pregação tem a sua importância: hoje mais do que nunca precisamos de discursos explicativos por causa da ignorância religiosa que se espalha por toda parte. Não suponhamos que as pessoas sabem estas verdades.

Também esta pregação exige umas qualidades: Somente um tema. Desenvolvido em três ou quatro aspectos claros, interessantes, estruturados, lógicos e com certa originalidade na abordagem.

Proponho este esquema para um discurso explicativo:

Uma introdução atraente: com alguma estatística, um exemplo, uma notícia, um fato histórico sobre essa questão.

Um proposta breve que resume em duas linhas o que será desenvolvido posteriormente.

Um desenvolvimento do tema estruturado, claro, progressivo e com exemplos e ritmo oratório. A clareza se consegue explicando alguns destes pontos: importância do tema, definição, classes ou tipos, obstáculos, meios e frutos. Ajuda também aqui trazer à tona um exemplo, uma imagem, uma anedota que faça esse tema agradável e fique gravado na mente. Usar uma linguagem clara, simples e sempre expressiva, nunca monótona.

E uma breve conclusão que resume o que foi dito e exorta a vivê-lo.

Exemplo de um esquema de discurso explicativo sobre o matrimônio que dei em Los Angeles e as pessoas que me escutaram não esqueceram esta imagem que usei: Queridas famílias, convido-lhes a construir seu **edifício** matrimonial tijolo a tijolo. (1) Em primeiro lugar, vejamos os **fundamentos** desse edifício matrimonial: oração, sacramentos, piedade... (2) **Asparedes** deste edifício têm que ser sólidas para suportar os ventos e os terremotos das dificuldades: amor, diálogo, compreensão, perdão... (3) Este edifício tem que ter algumas **janelas** grandes que tragam luz ao nosso matrimônio: sinceridade, transparência e fidelidade. (4) Não se esquecer de colocar uma **antena parabólica** que saiba captar as ondas: vigilância para que não entrem ladrões. No dia da morte vocês estão colocando o último tijolo...

Outro exemplo de esquema explicativo mais simples sobre o tema da humildade: (1) Vejamos a **importância** da humildade. (2) **Definamos** a humildade: virtude que surge da temperança e nos coloca no nosso justo lugar. (3) **Classes** de humildade: falsa humildade e verdadeira humildade. (4) **Inimigos** da humildade: soberba, vaidade... (5) **Campos** para ser humildes: com Deus, com os outros, conosco mesmos. (7) **Meios** para alcançar a humildade: meditar nos atributos de Deus, meditar em suas próprias misérias. (8) **Frutos** da humildade em nossa vida: Deus me abençoará, os outros me aceitarão com mais facilidade e sentirei uma grande paz interior. Terminemos com o exemplo de algum santo que viveu de modo especial da humildade. Esta palestra pode ser desenvolvida em dois dias.

Diferentes tipos de pregação

(22/03/2013)

Depois de vermos a figura do pregador, vejamos agora os diferentes tipos de pregação sagrada.

Veremos os seguintes tipos de pregação:

Homilia.

Palestra ou discurso explicativo.

Palestra ou discurso persuasivo.

Palestra ou discurso emotivo.

Palestra ou discurso demonstrativo.

Reflexão evangélica diante de Cristo Eucaristia.

Meditação num dia de retiro espiritual.

Pregação de exercícios espirituais.

Pregações circunstanciais: batismo, casamento, exéquias, festa, brinde.

Tema apologético.

Panegírico.

Congresso.

Rádio.

Televisão.

Para começar, digamos que em toda pregação deveríamos seguir este esquema:

Primeiro, uma **introdução ou exórdio**. Isto é, um começo atraente, original, com alguma anedota, estatística, um fato, um acontecimento, um evento... que capte a atenção dos ouvintes, e sempre relacionado logicamente com a ideia ou tema que será tratado.

Segundo, um **desenvolvimento das ideias**. Temos que oferecer **uma só ideia**, para não causar uma indigestão nos ouvintes com muitas ideias inconexas. Ideia **desenvolvida em dois ou três aspectos** claros, lógicos e estruturados. Ideia expressa **com força, convicção**, entusiasmo, originalidade, imaginação, vivacidade. Uma imagem ou metáfora pode ajudar muito para explicar essa ideia que estamos comentando. Usar uma **linguagem concreta** que toque a vida e o coração dos ouvintes. Ser sempre **positivo e motivador**. Com uma citação de um Santo Padre ou de um santo da Igreja, para dar peso a essa ideia.

E, finalmente, uma **conclusão ou peroração**, que resume em poucas palavras o discurso e a pregação. Terminemos invocando à Virgem Santíssima para que nos ajude na vivência desse tema tratado.

E agora vamos começar com os tipos de pregação.

HOMILIA

Finalidade da homilia: levar a mensagem bíblica da liturgia desse dia para a vida dos ouvintes para que toque as suas vidas e se convertam, ou melhorem a sua vida espiritual.

Como preparar uma homilia:

Parte-se dos textos bíblicos da liturgia, tirando uma só ideia para os meus ouvintes: por exemplo, a conversão, a esperança, a alegria, a oração, etc... Mas, uma só ideia.

Depois **essa ideia é desenvolvida em dois ou três aspectos** claros, lógicos e estruturados, tirados dos textos bíblicos dessa missa. Também é bom que essa ideia esteja **apoiada em alguma citação dos Santos Padres** que comentem essa ideia e que dará peso à nossa homilia. Citar os Santos Padres é subir em ombros de gigantes.

Mais tarde, tentemos **trazer essa mensagem divina para a vida concreta** dos ouvintes: vida familiar, laboral, profissional, estudantil... O citar um fato da vida de um santo com relação à essa ideia que estou comentando seria excelente, pois os santos nos incentivam a viver essas verdades.

Tipos de homilias:

Está, primeiramente, a *homilia evangelizadora* que desperta e incrementa a fé do ouvinte. Temos também a *homilia catequética*, que aprofunda a fé à luz da história da salvação nos diferentes períodos litúrgicos. E claro que também há *homilias proféticas* que provocam uma resposta de conversão ao plano de Deus desde os textos bíblicos. Está a *homilia mistagógica* que explica esse sacramento que está sendo celebrado (confirmação, batismo, casamento, unção dos enfermos, ordem sacerdotal, etc...) para que o valorizem e o amem mais e melhor. E finalmente temos a *homilia temática*: quando o sacerdote fica vários anos numa paróquia, pode aproveitar de segunda a sexta para ter homilias temáticas. Foi o que fiz numa paróquia de Buenos Aires na qual estive doze anos como vigário paroquial. Depois dos primeiros cinco anos em que dava a homilia sobre a liturgia do dia, comecei a fazer homilias temáticas, e tive muito resultado. Temas que duravam até meses: expliquei o credo, os sacramentos, os mandamentos, a oração, a liturgia, Nossa Senhora, a Missa, o terço, as virtudes, os vícios capitais, as obras de misericórdia, etc...

Ofereço-lhes este *esquema de uma possível homilia*: o tema da liturgia de hoje é a conversão (só um tema). (1) A conversão consiste, seguindo a primeira leitura lida, em abandonar nossos ídolos, infidelidades e pecados (enumerar esses possíveis ídolos das nossas vidas). (2) Essa conversão tem que passar pela cruz, como nos diz São Paulo na segunda leitura (concretizar essa cruz na nossa vida). (3) E finalmente, a conversão irá trazer alguns frutos maravilhosos na vida pessoal, familiar, laboral, como nos fala o Evangelho (listar esses frutos). Santo Agostinho resume este tema da conversão com esta frase ou com este fato de vida.

A figura do pregador sagrado

(15/03/2013)

Proseguimos agora com a figura do pregador sagrado.

Vejam agora as atitudes que favorecem a comunicação do pregador

Primeira, a aceitação incondicional do outro. Só assim pode haver comunicação.

Só assim o ouvinte não será usado como um meio ou objeto para se atingir um fim. Só assim o ouvinte escutará o pregador e o aceitará. Os ouvintes não são inimigos do pregador, mas seus irmãos. Assim foi Jesus. O pregador não está acima de ninguém. Ele é um irmão mais velho que tenta explicar com carinho a palavra de Deus e coloca à disposição dos seus irmãos menores o que ele aprendeu. Não é uma autêntica obra de misericórdia?

Segunda, a compreensão empática. “Colocar-se na pele do outro” para ver o mundo com os olhos do outro. Os ouvintes esperam do pregador que não haja nada verdadeiramente humano que não ecoe no seu coração. Esperam compreensão “*das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias dos homens do nosso tempo, em especial dos pobres e de todos os que sofrem*” (Gaudium et Spes, 1).

E terceira, a autenticidade. O pregador tem que se mostrar do jeito que ele é. Para ser autêntico, não basta um pré-aquecimento na preparação imediata da prédica; é necessária uma experiência da vida sacerdotal. O ouvinte pode aceitar tanto melhor a mensagem da pregação quanto mais o pregador estiver vivendo o que prega, com autenticidade. Não se trata de falar do que foi lido, mas do que foi vivido. Ninguém dá o que não tem. O lema do cardeal Newman era: “*Cor ad cor loquitur*”, “o coração fala ao coração”.

O predicador vai crescendo em idade, sabedoria e graça. Vejam agora as **idades do pregador.**

O pregador jovem. O primeiro perigo, normal, é a falta de material e, por consequência, o palavreado vazio. Outro perigo é a escassa maturidade. As vantagens da juventude são o fogo, a intensidade e a energia. A entrega se aprende na juventude. Por isso,

urge que o pregador jovem prepare a fundo as suas prédicas, com bons comentários de Santos Padres ou de autores provados em homilética.

O pregador maduro. A maturidade preserva da exaltação juvenil e da resignação da velhice. As vantagens da idade adulta são a maturidade crescente e a força tranquila, recolhida. As pregações se tornam mais profundas e mais ricas, graças à experiência que se tem das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias dos homens do nosso tempo. O perigo está na rotina e no estancamento, que impedem renovar-se nas ideias e na forma de dizê-las.

O predicador ancião. Com a velhice, começa o perigo do cansaço. Prega-se com base no passado, não no presente. O pregador ancião não deve parecer cansado, mas bondoso; não senil, mas sábio.

Quero terminar esta parte sobre o pregador com este texto que encontrei, chamado “O decálogo do pregador”[1]:

1. Não subas ao púlpito sem saber o que vais dizer. E quando tiveres dito, desce: não te prolongues inutilmente.

2. Traça o roteiro do que vais dizer: no papel ou na cabeça.

3. Procura despertar no ouvinte o interesse pelo que dizes, ou ele se desligará da tua pregação.

4. Quanto disseres, seja proveitoso para o ouvinte. A missão do pregador não é entreter, mas evangelizar.

5. A brevidade não é o supremo dos valores: não devemos sacrificar o importante em prol do breve. Mas é verdade que “o bom, se breve, é bom em dobro”.

6. Fala com naturalidade: o teatral pode repelir.

7. Procura falar de modo que todos te entendam, mas com toda a precisão para que os cultos aceitem o que dizes.

8. Para comunicar uma ideia, é necessário que estejas convicto dela: não pregues o que não vives.

9. Se te serves de aparatos técnicos, preocupa-te de que funcionem perfeitamente. É um desprestígio para o evangelho usar aparelhos ruins enquanto o mal se difunde com técnica excelente. A boa tecnologia pode e deve ser posta a serviço da evangelização.

10. Não pretendas jamais o teu sucesso pessoal, e sim o bem das pessoas. O êxito deve ser apenas para facilitar a evangelização.

As condições essenciais do pregador

(08/03/2013)

Abordaremos a seguir as condições essenciais do pregador.

Ser pregador implica dois elementos, um objetivo e outro subjetivo. Expliquemos ambos.

Primeiro, o elemento objetivo, que se baseia na missão. O ministério da pregação não se baseia, em última instância, nem na ciência teológica, nem na comunidade e na sua aprovação, como tampouco na fé pessoal do pregador ou na sua capacidade de pregar. A pregação se fundamenta primariamente na missão e na vocação da Igreja, e, secundariamente, no carisma do pregador.

Segundo, o elemento subjetivo: a competência do pregador. O pregador é um mediador. Entendemos por competência o conjunto de capacidades que são de se desejar naquele que desempenhará a tarefa da pregação[1].

Quais são essas capacidades e competências?

Primeiro, a competência jurídica. O pano de fundo deste conceito é a organização social, o sistema social de distribuição do trabalho, em que há diferentes papéis e

correspondentes incumbências a ser respeitadas. O pregador sagrado tem a competência jurídica, um cargo pastoral, uma missão canônica, uma nomeação como representante da Igreja.

Segundo, a competência profissional. Competência significa, aqui, o conhecimento de certa ciência ou matéria, a especialização ou aptidão no tema a ser desenvolvido. O pregador sagrado deve ter esta competência profissional, deve conhecer a tradição cristã e, a partir da interpretação da Sagrada Escritura, saber iluminar as situações humanas.

Terceiro, a competência comunicativa. Pressupõe uma competência pessoal. Significa que o pregador tem que estar repleto de Deus para transmiti-lo ao povo cristão. Quem mais pleno estiver de Deus, mais o comunicará.

Depois de ver as condições do pregador, vejamos agora as dimensões da formação homilética no pregador.

Primeiro, a dimensão intelectual. “O fundamento da eloquência”, afirma o célebre orador romano Cícero, como o de qualquer outra coisa, “é a sabedoria”. O que o orador latino chama de “sabedoria” é o que nós poderíamos chamar de “bom senso”. O estudo proporciona ao pregador os conhecimentos necessários e o familiariza com o estado atual da pesquisa teológica. É o que chamamos de competência profissional: conhecimento da tradição da Igreja, da Sagrada Escritura, da teologia, do mundo de hoje, etc.

Segundo, a dimensão pastoral. Trata-se de conquistar segurança nos objetivos para com as pessoas confiadas a mim.

Terceiro, a dimensão humana. A pregação é pregação para pessoas. Portanto, o pregador tem que se preparar para esta comunicação com os outros. Será de grande ajuda manter sempre a proximidade com as pessoas, com simplicidade e humildade, e dialogar com elas com franqueza e respeito.

Quarto, a dimensão espiritual. Esta é a dimensão que dá profundidade às outras. A dimensão espiritual implica ver tudo com os olhos de Deus e dar respostas a partir de Deus para todas as situações e problemas pessoais e comunitários.

[1] São Tomás recopila as várias imagens com que a Escritura designa o pregador: “O apóstolo denomina com diversos nomes o ofício do pregador, posto que o chama, em primeiro lugar, de soldado, pois ele defende a Igreja contra os inimigos; em segundo lugar, vinhateiro, já que poda os sarmentos supérfluos; também pastor, pois apascenta os súditos com o bom exemplo; boi, porque em tudo deve proceder com gravidade; arador, posto que tem de abrir os corações à fé e à penitência; (...) arquiteto do templo, dado que há de construir e reparar o edifício da Igreja; e, finalmente, ministro do altar, pois há de desempenhar um ofício grato a Deus” (In I ad Cor., c. 9, leit. 1).

Como melhorar a Pregação Sagrada

(01/03/2013)

Depois de ter analisado os diferentes tipos de ouvintes que temos, dediquemos umas linhas para a figura do pregador.

A figura do pregador

Nenhum pregador pode pregar-se a si mesmo, mas tem que dar testemunho da Palavra de Deus, que se fez homem e habitou entre nós. A dupla tarefa do sacerdote de acordo com Orígenes será: “*aprender de Deus lendo as Escrituras divinas, meditando-as frequentemente e ensinando-a ao povo. Mas, que ensine o que aprendeu de Deus, não do seu próprio coração ou num sentido humano, mas o que ensina o Espírito*” (In Num hom., 16, 9).

O pregador é servidor da Palavra para que se realize o grande encontro não só entre ele mesmo e os ouvintes, mas, principalmente, entre Deus e os ouvintes através dele. A pregação tem que ser um meio para que uma comunidade, e cada um dos seus membros em especial, seja “*ouvinte da palavra*”. Tem que falar disso envolvido pessoalmente e não

distante, indicando um caminho e não somente informando. Não basta proporcionar frases corretas teologicamente. Entre uma teologia bem aprendida e uma profunda convicção pessoal há uma grande diferença.

Características do pregador

O pregador da mensagem cristã é um enviado. Recebeu a incumbência desse ministério, como aconteceu com os profetas; não é uma distinção mas uma responsabilidade, da qual não podemos escapar, como alguns profetas gostariam[1]. Por isso tem que ser um administrador fiel (cf 1 Cor 4, 2), porque não anuncia a sua própria mensagem, mas a do outro. Neste caso, a de Deus e da Igreja. A missão permanece em nós apesar da nossa debilidade.

O pregador da mensagem cristã é uma testemunha. Exige-se do pregador não somente a fidelidade externa ao conteúdo da mensagem, mas também a entrega pessoal à Palavra. Não pode haver uma contradição entre a sua palavra e a sua vida. O pregador tem que ser sempre testemunha da sua fé pessoal, se não quer que a sua palavra seja ao final uma palavra vazia, não digna de crédito. A primeira testemunha que se requer do pregador é a da sua lealdade absoluta da sua humildade diante de Deus, da sua renúncia a si mesmo para ser porta-voz de uma verdade que não lhe pertence. A pregação é a interpretação e a transmissão do ouvido. Por isso, a testemunha dará aos seus ouvintes parte do que para ela significa a Mensagem e da sua experiência pessoal com esta. O pregador transmite a mensagem cristã não somente com as suas palavras, mas principalmente com as suas obras[2].

O pregador da mensagem cristã é um tradutor. A mensagem de Deus proferida num outro tempo, em outras circunstâncias sociais e culturais em uma determinada situação histórica, e a alguns ouvintes historicamente determinados... essa mensagem o pregador tem que traduzir para o mundo de hoje. Tem que traduzí-la com toda exatidão, porque em toda tradução existe o perigo da traição (“traduttore...traditore”). Não pode ajustar o conteúdo da fé, mas a forma de transmití-la. João Paulo II nos convidava a novos métodos, nova expressão, nova força, novo entusiasmo... mas não novos conteúdos.

O pregador da mensagem cristã é um comentador. O pregador tem que comentar, explicar, aplicar às necessidade correspondentes, à situação histórica do mundo, aos fieis concretos que tem pela frente. O pregador é um humilde servidor da palavra revelada. O melhor que pode fazer é apresentar aos fieis a palavra revelada da Escritura de um modo que a possam entender. Não usá-la como apoio e trampolim para os próprios pensamentos e ideologias, ou até mesmo como ornamento da eloquência do pregador.

[1] Por exemplo Jonas (Jon 1, 2), ou Jeremias (Jer 20, 8), ou Elias (1 Re 19, 4).

[2] São Gregório Magno dirá: “Que qualquer pregador seja mais escutado nas obras do que nas palavras; e vivendo ele deixe as pegadas para serem seguidas; ou seja que, mais obrando do que falando, mostre por onde se deve caminhar” (*Regula Pastoralis* III, 40).

Como melhorar a Pregação Sagrada

(22/02/2013)

Hoje falaremos de quais são os diferentes tipos de ouvintes que temos nas nossas pregações.

Precisamos adaptar-nos ao nosso público ou ouvintes, tanto no conteúdo como na forma da pregação.

Crianças

No Diretório para missas com as crianças que a Santa Sé publicou em 1973 destacam-se esses pontos:

A homilia pode ser feita em forma de diálogo com elas.

Recomenda-se um curto silêncio depois da homilia para que as crianças possam ir aprendendo a arte de recolher-se para rezar a Deus.

O pregador tem que conhecer profundamente a criança e o seu ambiente e ter algumas noções de psicologia infantil. Ajuda explicar aqueles textos da Sagrada Escritura que são gráficos, que apresentam acontecimentos ou sucessos, como os milagres ou as parábolas, aptas para capturar a imaginação infantil. É necessário traduzir o Evangelho para a linguagem da criança e para a vida dela.

Dicas:

Familiarizar a criança com Jesus.

IntroduzÍ-las aos poucos na vida religiosa da comunidade, explicando os sinais e vestes litúrgicas, os períodos litúrgicos, os cantos, as partes da missa.

Ajudá-las a seguir a Jesus, que se assemelhem com Jesus.

O tom de voz e o rosto do pregador das crianças deve ser muito cordial, amável e simples.

Encher as pregações de exemplos e vidas de santos.

É bom deixar uma só ideia para elas.

Ser breves.

Jovens

Cristo é o seu ideal, tem algo a dizer-lhe e é um amigo dos jovens. Temos que apresentar a Cristo de forma tão atraente que os jovens queiram segui-lo e imitá-lo.

Aproveitar o otimismo do jovem, seu impulso à ação e a nostalgia de amizade e de comunidade.

O pregador tem que demonstrar que ama os jovens e os aceita como são: idealistas, inquietos, inseguros, etc. Somente dessa forma se tornará jovem com os jovens e os conquistará para a causa de Cristo. Não deve atacá-los, mas alertar, estimular e oferecer-lhes ideais nobres e altos.

É preciso conseguir que façam a experiência da confiança na Igreja, que sempre quer o seu bem e a sua felicidade.

O tom com os jovens deve ser vibrante, confiante, positivo e sempre transparente e honesto. Nunca vão perdoar ao pregador que lhes escondeu as exigências da vida cristã. Sempre se lembrarão do pregador que lhes explicou com respeito, mas com sinceridade, a verdade de Cristo e da Igreja.

Adultos

Normalmente os adultos procuram uma pregação com certa densidade, para aprofundar na sua fé.

Isso não significa que seja seca e sem vida. Sempre falar a todas as faculdades do homem: inteligência, vontade e coração.

É preciso comprometê-los a serem apóstolos no seu próprio ambiente. Portanto, as pregações devem ser concretas e com aplicações para a vida deles.

O tom do pregador de adultos tem que ser seguro, com postura, força e sempre motivador e positivo.

Idosos e enfermos

Em muitas igrejas predomina as pessoas anciãs e doentes, que são normalmente as de maior prática religiosa, pois têm mais tempo para a tradição de ir à missa. Muitos como a anciã Ana e Simeão do Evangelho, esperam o entardecer da vida na casa de Deus.

Os idosos e os enfermos não querem que o pregador apele para a compaixão, mas querem ser compreendidos. Não querem ser tratados infantilmente, como se fossem crianças ou débeis mentais, mas querem ser tratados com dignidade e carinho.

Tanto o tom quanto o conteúdo das homilias deve ser suave, amável, esperançoso e sempre carinhoso.

Deixar-lhes ver como podem ajudar os seus netos com o seu exemplo e a sua fé, e, se estiverem doentes, que ofereçam as suas dores pela Igreja, pelo Papa, pelas vocações e pela humanidade necessitada.

Com religiosas e sacerdotes

Deve ser profunda, com certa originalidade ao tratar os temas, porque são pessoas já cultivadas, não podem estar escutando sempre os temas do mesmo modo.

O pregador tem que ter muita unção.

Valorizar a sua entrega ao Senhor para que cresçam no seu amor a Cristo e estejam orgulhosos de pertencer a Ele.

Ajudaria muito apresentar-lhes os Santos Padres e os documentos da Igreja unidos ao assunto que está sendo tratado.

Têm que ser homilias e palestras, de preferência, breves, mas densas, positivas, motivadoras, e com um tom cordial, alegre e cheio de bondade.

Com os pobres e necessitados

É o público mais receptivo e amável que nós temos como sacerdotes, o mais gratificante, e o que mais enche o nosso coração sacerdotal de alegria, simpatia e profundo amor, como acontecia com Jesus. Eles nos evangelizam em cada pregação que damos. Seus olhos atenciosos, seu sorriso sincero, seu abraço carinhoso, sua família numerosa que a cada semana participa da missa... é para nós um incentivo para a nossa fidelidade como sacerdotes.

Temos que falar-lhes com muita simplicidade, carinho, amor e clareza. Basta uma verdade tirada das leituras bíblicas e explicada mais com o coração do que com a razão. Os pobres têm que sentir que são os mimados e privilegiados de Cristo e da Igreja.

Não esqueçamos de apresentar algum exemplo da vida dos santos, que seja para eles um estímulo para as suas próprias vidas.

A cada semana ele têm que levar algo, não só no coração, mas também nas mãos, como manifestação da caridade da comunidade paroquial.

Como melhorar a Pregação Sagrada

(15/02/2013)

Nessa semana continuaremos a falar do que o pregador deve fazer:

Em segundo lugar, o pregador também tem que escutar a comunidade à qual vai pregar.

Toda pregação tem que ter em conta duas coisas: a mensagem bíblica e a situação dos ouvintes. Falemos agora dos ouvintes.

Importância dos ouvintes

Os ouvintes são o outro livro de Deus "no qual teremos que ler constantemente, com o mesmo amor, com a mesma humildade e com a mesma perseverança que ante a Escritura e os sacramentos". O pregador deve ser um "contemplativo da rua", capaz de assombrar-se, maravilhar-se, entristecer-se e sobretudo comungar com o que acontece ao seu redor. Nada lhe é estranho. Tem que abrir o seu coração para acolher, escutar e fazer seu o que vai acontecendo.

O ouvinte tem que sentir durante a nossa pregação de que trata-se de algo seu, que se dá uma resposta às suas interrogações, medos, expectativas e alegrias. Temos que conhecer o contexto habitual dos nossos ouvintes, seu modo de ser, seus problemas, seu trabalho e suas festas. Não é o mesmo um povo de uma região com seca que um povo com uma região onde abunda água, nem um povo do litoral que um povo da montanha. Não é o mesmo uma comunidade rural que uma comunidade urbana. Por isso, o pregador deve perguntar-se o que é que determina a vida dos seus ouvintes, onde tem colocado o seu coração. Uma pregação

não só se sobressai pela sua profundidade teológica, mas também pela sua profundidade na situação. Os ouvintes são filhos da época e constituem uma parte da atualidade.

O pregador não pode fechar-se na sacristia ou no escritório paroquial. Precisa pisar nos espaços onde vivem as pessoas, para conhecê-la melhor. O conhecimento amigável, de simpatia e de bondade do pregador com o povo é fonte de uma mútua interação. O povo tem que encontrar no pregador um amigo, um irmão conhecido, e uma predisposição confiada e aberta, que propiciará para que esse povo receba com prazer a semente do Reino. Agora, isso não significa que o pregador fale a cada domingo de coisas negativas que viu na semana. João XXIII aconselhava o seguinte: “estar informado de tudo, ignorar muitas coisas e corrigir pouco”. Quem trata com muitas pessoas precisa de uma boa dose de paciência. Se reaje imediatamente com admoestações se transformará num crítico rabujento. É necessário ter um reto equilíbrio entre não deixar entrar na pregação as fofocas do dia a dia e chamar valentemente a atenção sobre as desordens da comunidade.

Será de muita ajuda para o pregador reunir-se de vez em quando para ter um diálogo com os colaboradores mais comprometidos da paróquia e fazer-lhes estas perguntas: o que move as pessoas? Do que elas falam? O que se conta na comunidade paroquial? O que precisaria mudar? O que é desagradável para eles?

Na semana passada falei aos leitores de ZENIT sobre o pregador sagrado: catequista, diácono, sacerdote, bispo. Pode ler [clcando aqui](#). Na próxima semana veremos os diversos tipos de auditório ou ouvintes que temos.

Como melhorar a Pregação Sagrada

(08/02/2013)

Falemos agora do pregador sagrado: catequista, diácono, sacerdote, bispo.

O que é que um pregador tem que fazer antes de pregar?

Em primeiro lugar, **deve escutar a Palavra de Deus**, pois é aí onde “toda a instrução cristã, e em lugar privilegiado a homilia, recebe da Palavra da Escritura alimento saudável e por ela dá frutos de santidade” (Concílio Vaticano II, Dei Verbum 24). Você pode seguir estes passos:

Pegue o texto bíblico e leia: tem que ser uma leitura na fé e a partir da fé: o pregador se aproxima do texto na fé da Igreja, num tempo litúrgico, num momento determinado da vida eclesial e no meio das tarefas pastorais da sua comunidade.

Também ajudará um mínimo trabalho de exegese dos textos: é o enfrentar-se cientificamente com o texto, para chegar até o **sentido literal**. O sentido literal (humano) consegue chegar ao que o autor sagrado quis expressar, no seu contexto histórico, seus destinatários e o gênero literário empregado. **Para a exegese o pregador também pode se ajudar de comentários desse texto bíblico:** Tal comentário não ser muito prolixo, nem deve se perder nos detalhes, mas aproximar-nos do contexto histórico e do sentido do texto. Mas não posso ficar só com isso.

O pregador tem que encontrar **o significado mais profundo dos textos**, o seu alcance espiritual. E isso se consegue **através da própria meditação pessoal** dos textos. “É dentro da letra, na profundidade do sentido literal, que deve buscar-se o sentido espiritual do texto sagrado” (Inácio de Potterie, “A interpretação da Sagrada Escritura”). Portanto, é necessário chegar no **sentido espiritual** (divino) do texto sagrado, no que Deus queria dar a conhecer com essas palavras do autor sagrado. Este é o sentido que mais nos interessa na pregação, e se consegue chegar a ele quando se lêem e se meditam esses textos bíblicos sob a influência do Espírito Santo no contexto do mistério pascal de Cristo e da vida nova que provém dele. Como pregador me interessa o **sentido literal** (exegese) em ordem ao **sentido**

profundo espiritual para que seja alimento para os ouvintes. Dessa forma passa-se do “então” para o “hoje”. Isso é a pregação.

Por isso, ninguém mais que o pregador deve ser um ouvinte da Palavra de Deus tão pontual e disposto. A Palavra de Deus vai penetrar primeiro no pregador. Este conhecimento ruminante e sapiencial da Escritura é o que mais precisamos como pregadores, e o que mais nos dará luz e forças para o caminho, tanto para nós (para não ficar falando ideias pessoais ou cair na vaidade) como para os que nos escutam. **Sem meditação, a pregação torna-se um produto da mesa de despacho, que deve ser derramado sobre o povo desde o púlpito.** Na meditação se experimenta a força viva do texto. Somente quando o pregador se deixou interpelar pelo texto, pode convidar também a sua comunidade. Trata-se de fazer passar o sentido da página sagrada à própria vida e à vida dos fieis. A meditação é a ponte na qual se encontram a Palavra de Deus e o homem de hoje. Todo pregador deveria dizer o mesmo que São João: “O que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos... nós vos anunciamos” (1 Jo 1, 1-3). Dom Ángel Herrera dizia que “as homilias devem aquecer-se no Sacrário e na oração... a Palavra de Deus, seja qual for o tom, o lugar e o auditório, não pode ser servida fria” (A Palavra de Cristo, I, 67) .

Em suma, como dizia D. Bonhoeffer, o pregador deve encontrar-se com a Palavra de Deus: **na mesa de estudo**, preparando seriamente seu ministério com a ajuda dos oportunos subsídios e comentários; **no reclinatório**, orando a Palavra que vai pregar, de modo que não somente saiba falar “de” Deus, mas antes de mais nada fale “a” e “com” Deus na sua oração pessoal; e finalmente **no púlpito**, deixando que no momento mesmo do seu ministério ressoe nele mesmo, antes que nos seus irmãos, o que Deus nos comunica.

Na semana passada apresentei aos leitores de ZENIT alguns conselhos práticos que podem ajudar o Pregador Sagrado na sua missão. Pode ler [clitando aqui](#). Na próxima semana continuaremos com o tema de hoje.

Como melhorar a Pregação Sagrada

(01/02/2013)

Nessa semana falaremos de alguns conselhos práticos que podem ajudar o Pregador Sagrado na sua missão:

Compreender o seu público, ou seja, aquelas pessoas a quem vamos pregar. Conhecer a idiossincrasia destas pessoas, suas qualidades, suas fraquezas, seus problemas, seu modo de ser. A Igreja chama isso de “inculturação”. Um espanhol e um brasileiro não são iguais; nem um francês e um americano, um alemão e um africano... É necessário falar com a linguagem das diversas culturas, fazer-nos tudo a todos para ganhá-los para Cristo, como São Paulo (cf. 1 Cor 9, 20-22). Não podemos ir à América Latina com categorias europeias. Simplesmente não nos entenderão! Ou pior ainda, nos recusarão! “Amanhã te escutaremos” parafraseando Atos 17, 32.

Preparar bem cada pregação, sem improvisar, deixando tudo para a última hora. A pregação não é algo que fazemos a título pessoal. Não! Pregamos em nome da Igreja. É a Igreja que, nesse momento explica a Palavra de Deus, através do pregador sagrado. Portanto, preparar a pregação a partir da oração pessoal. Mas também lendo comentários dos Papas, de autores espirituais bem sólidos e provados, sobre esses textos litúrgicos ou sobre esse tema do qual pregaremos. Os melhores comentários que existem sobre os evangelhos são OS SANTOS PADRES. Temos que ler muito os Santos Padres. São sempre atuais. São um verdadeiro tesouro a ser descoberto ainda. É como subir-se em ombros de gigantes. Um exemplo disso é o Papa Bento XVI. É por isso que as suas pregações são tão profundas, embora simples.

Ser ordenado e estruturado nas ideias da pregação: hoje temos que transmitir somente uma ideia na homilia ou na palestra, e desenvolver essa ideia em dois ou três aspectos bem travados e unidos. Mas somente uma ideia. Só então é que o ouvinte sairá com uma ideia bem aprendida e tentará vivê-la no seu dia a dia. Das três leituras dominicais pode-se tirar perfeitamente uma só ideia, desenvolvida em dois ou três aspectos. Por exemplo, uma homilia com a liturgia de um domingo: Deus nos convida à conversão (única ideia, tirada do evangelho); essa conversão supõe reconhecer-nos pecadores (primeiro aspecto dessa única ideia, tirada talvez da primeira leitura dominical ou do salmo responsorial); essa conversão trará como efeito a paz interior e a reconciliação com Deus (segundo aspecto dessa única ideia, tirada talvez da segunda leitura dominical). E os dois aspectos devem estar apoiados nos textos litúrgicos lidos. Uma só ideia! Quem fala de muitas ideias só consegue dispersar o ouvinte e não deixará nada claro e nem concreto. Quem diz muitas ideias está manifestando que não preparou profundamente a sua pregação. Provoca uma autêntica indigestão espiritual nos que escutam.

Ser criativo ao expor a ideia: essa ideia tem que ser apresentada com alguma metáfora, imagem, novidade, um fato ou anedota... Só assim ficam mais facilmente gravadas na alma do ouvinte, pois aparecerá como novidade e originalidade. Nisso o cardeal vietnamita Van Thuan, que Deus o tenha, era modelo. Não ser chatos com ideias já usadas e sem originalidade. É preciso ser atraentes e incisivos. Isso não se consegue com excentricidades ou com continhos e nem fazendo rir. Não! Isso se consegue tendo meditado muito e com profundidade na Palavra de Deus. E observando muito a vida humana.

Distinguir o modelo de pregação que me é pedido *e o lugar* onde se dá a pregação: primeiro, distinguir que tipo de pregação devemos dar, pois uma coisa é pregar uma homilia, outra uma reflexão numa hora santa com Cristo Eucaristia exposto; uma coisa é uma palestra aberta num auditório, outra é uma meditação num retiro; uma coisa é dar uma conferência a jovens e outra pregar a adultos ou a crianças ou a sacerdotes. E o lugar: porque uma coisa é pregar na capela, outra coisa é pregar num salão de estar ou num estádio ou numa fábrica. Tudo isso deve ser levado em conta na hora da pregação.

Sempre ser expressivo: sem forçar o próprio temperamento, não querendo ser aquele que é mais apaixonado e dinâmico... mas é preciso ser expressivo. Lembre-se dos três elementos de toda a pregação: **idéias de fundo, forma concreta dessas ideias e expressão** (velocidade e temperatura oratória) destas idéias. É necessário combinar os três elementos para que a pregação seja perfeita. Todo o nosso ser deve ser expressivo: voz, gestos, mãos, corpo, olhos, sentimentos, emoções, silêncio, questionamentos e perguntas diretas... Não devemos ser tímidos, nem ter medo de falar, nem falar com voz apagada ou monótona, ou em abstrato ou sem olhar para o auditório. Se fizermos isso o povo dorme. As pessoas vão odiar a nossas pregações, em vez de gozar com a pregação sagrada. Fides ex auditu, nos fala São Paulo, “a fé entre pelo ouvido” (Rm 10, 17).

Pregar a todo homem e ao homem todo: a todo homem: à criança, ao adulto, ao ancião, ao enfermo, ao que sofre, ao ignorante e ao simples, ao complicado e questionador... **e a todo o homem:** inteligência, sentimentos, afetos, coração, vontade... E a Palavra de Deus pregada tem que “tocar” a existência humana em todos os campos: pessoal, familiar, laboral, profissional, religioso... Por isso, o pregador buscará aplicar essa Palavra de Deus e “fazê-la caminhar” pelos meandros da vida do ouvinte. O ouvinte durante a pregação deveria dizer: “Isso! É isso que eu preciso, encaixa perfeitamente o que fala esse pregador”. É assim que o ouvinte se deixará transformar por essa Palavra de Deus que o pregador soube baixar para a vida deles concretamente. E com certeza vamos ter essa pessoa em todas as nossas pregações porque nos entende e entende que a Palavra de Deus explicada é muito atual para a sua vida, e não algo do passado ou de museu.

Ser simples, respeitoso e positivo ao pregar: não insistir tanto no que está mal. Apresente mais o bem que por si só atrai. Não estamos no século de certa apologética agressiva, inflexível, rigorosa e um pouco arrogante. Hoje temos de conquistar as pessoas com a bondade, com a simplicidade, com o encanto e a gota de mel. Isso não significa que não devemos dizer a verdade. É necessário apresentá-la, mas com bondade e respeito, para que atraia. Quando seja preciso falar algo forte, duro e negativo (p.e. os que vivem juntados ou divorciados e casados em segunda união não podem e nem devem comungar, etc...), é necessário falar em terceira pessoa e nunca interpelar a pessoa em questão. Não dizer: “Você que está juntado... não deve comungar”. Seria muito ofensivo. É melhor dizer: “Quem se encontra nessa situação não deveria se aproximar da comunhão porque...”. E quando se trata de algo positivo, então sim, interpelar em segunda pessoa: “Que bom que você foi generoso e fiel! Deus será também com você”.

Sentir com a Igreja em tudo o que ela se propôs para este ano: se é o ano sacerdotal, não deveria ter nenhuma pregação durante o ano que não tivesse alguma menção sobre essa circunstância... se é o ano paulino, o mesmo. Ou o ano dedicado a Jesus Cristo (1997), ou ao Espírito Santo (1998), ou a Deus Pai (1999), ou o ano da Eucaristia (2000). Ou o ano da fé, no qual estamos agora. Não se pode caminhar em paralelo com a Igreja. Os tríduos desse ano e os exercícios espirituais e os retiros, as homilias deveriam estar focadas e marcadas por essa circunstância eclesial. Isso é parte do “sentire cum Ecclesia”. Devemos ir ao passo da Igreja. Também nisso.

Destacar com frequência nas pregações aspectos e virtudes dos santos: os santos são nossos irmãos que já conseguiram o que nós estamos procurando: a santidade de vida. Eles nos dão exemplo e nos dizem quais aspectos são necessários praticar para agradar a Deus, crescer nas virtudes e alcançar a salvação eterna, que é a graça das graças. Quanto são edificantes as anedotas dos santos! Compre livros de santos e leia-os. E assim você vai colocar nas pregações exemplos maravilhosos e edificantes dos santos nos temas que estará tratando na pregação.

Conclusão: Espero que esses conselhos sirvam para que a sua pregação seja a cada dia de qualidade, para a glória de Deus e a salvação das almas. Isso é o que me tem ajudado. Não sei se lhes ajudará, pois todos somos diferentes.

Na semana passada apresentei aos leitores de ZENIT os pré-requisitos para a Pregação Sagrada. Pode ler [clitando aqui](#). Na próxima semana falaremos mais especificamente do pregador sagrado: catequista, diácono, sacerdote, bispo.

Como melhorar a Pregação Sagrada

(25/01/2013)

Hoje vamos falar dos pré-requisitos da Pregação Sagrada:

O primeiro é estar ciente de que somos ministros da Palavra desde o batismo, e essa responsabilidade aumenta no dia na nossa ordenação sacerdotal. Por isso devemos ler, meditar, ruminá-la durante toda a nossa vida. Devemos fazê-la nossa, vestir-nos dessa Palavra, encarná-la na nossa vida. Somente assim a transmitiremos fielmente, sem cortes, sem mínguas, sem obscurecê-la ou rebaixá-la.

Em segundo lugar estar ciente de que é Deus que converte as almas, não nós. Mas Ele nos utiliza como canais, alto-falantes, aquedutos e ministros da sua Palavra para iluminar as mentes, aquecer os corações e mover as vontades para que amem a Deus e cumpram os seus mandamentos. Por isso, temos que estar bem preparados neste campo da pregação da Palavra. Todos os nossos estudos humanísticos, filosóficos, teológicos, pedagógicos... têm como termo final a nossa pregação, seja escrita (livros, artigos...), seja oral (homilias, retiros, congressos, palestras...) para a conversão das almas à luz desse Palavra transmitida e

explicada por nós. Estudamos para estarmos melhor preparados na hora da nossa pregação sagrada, não por desejo de vaidade, mas porque essa Palavra de Deus merece ser tratada e anunciada com dignidade, clareza e unção.

Em terceiro lugar estar ciente de que a Palavra de Deus está destinada a brotar, a crescer e a dar fruto na alma dos homens. Por si mesma, a Palavra tem toda a força de entrar no coração do homem e convertê-lo. Então, onde está o erro? Uma de duas coisas: ou em quem prega, que não sabe fazê-lo, ou no campo – na alma – que recebe essa Palavra pregada. Que pelo menos não seja por nossa culpa como pregadores sagrados. Se o coração dos homens está fechado como Cristo nos diz na parábola do semeador por causa das pedras, dos espinhos, da superficialidade (cf. Mateus 13, 1ss Parábola do Semeador)... aí está o desafio de um bom pregador: ajudar essas almas a se abrirem para a Palavra. E quais são os recursos que existem além da oração e do sacrifício? A pregação bem preparada, incisiva, respeitosa, profunda, clara, motivadora e bem pronunciada!

Como melhorar a Pregação Sagrada

(18/01/2013)

Com a intenção de colaborar na Pregação Sagrada começamos hoje uma nova coluna dirigida especialmente, mas não somente, aos sacerdotes: “Como melhorar a pregação Sagrada / Coluna do Pe. Antonio Rivero, L.C., professor de Teologia e oratória no seminário Interdiocesano Mater Ecclesiae de São Paulo”. A coluna será publicada todas as sextas-feiras.

Padre Antonio Rivero nasceu em Ávila (Espanha) em 1956. Possui Mestrado em Humanidades Clássicas, Mestrado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e Mestre e Doutor em Teologia, pelo Ateneu Regina Apostolorum, também em Roma. Publicou cinco livros e gravou mais de 200 CDs de formação. Ministra conferências nos Estados Unidos e em Latino América sobre pastoral familiar, formação católica e juventude e oferece cursos de formação para religiosas e sacerdotes.

Agradeço a Zenit a oportunidade de colaborar com um grão de areia na formação sacerdotal neste campo da Pregação Sagrada, tão importante hoje em dia.

Hoje começamos essa coluna que com alegria e prazer quero compartilhar com vocês, fruto da minha formação, primeiro como professor de oratória por mais de 30 anos, e depois, com a experiência que Deus me deu desses 26 anos como sacerdote, caminhando por este mundo de Deus pregando, levando e explicando a Palavra de Deus. Todo ano eu tenho a graça de pregar para o mundo latino dos Estados Unidos. Também Colômbia, Venezuela, Bolívia, Peru e Brasil, puderam escutar a minha voz.

E para ser mais clara a apresentação desta coluna de Zenit sobre a Pregação, deixo-lhes hoje alguns pontos para que fiquem no grande tesouro da memória:

1. Toda a nossa vida como sacerdotes será pregar.
2. Existem várias formas de pregação: a oração, o sacrifício, o testemunho pessoal, o ministério dos sacramentos e o ministério propriamente da pregação sagrada, tão importante hoje.
3. A pregação sagrada ou oratória sagrada não é uma técnica para vender nossa “mercadoria” de Deus. Isso seria uma espécie de profanação da Palavra de Deus. Assim fazem algumas seitas protestantes que se preparam nos aspectos psicológicos da oratória para ganhar seguidores e dinheiro. Isso não deve acontecer conosco, ministros e pregadores dos Mistérios de Deus.
4. Ninguém quer ter um auditório dormido, bocejando, chateado... na hora da pregação. Queremos um auditório que desfrute e esteja bem disposto para a nossa pregação. A fé vem pelo ouvido, nos diz São Paulo em Romanos 10, 17. Para isso, é necessário saber

pregar bem. Não somente pregar. É necessário pregar bem, porque nem sempre teremos diante pessoas que nos suportem por caridade, nos aguentem e não nos falem nada sobre a nossa pregação.

5. Ofereço-lhes esta coluna de Pregação Sagrada, como fruto da minha experiência de pregador, durante meus 26 anos de ministério sacerdotal. Doze desses anos, preguei diariamente na paróquia de Buenos Aires; além do mais dei inúmeras palestras, tríduos, retiros e exercícios espirituais que oferecia a homens e mulheres.

6. Estas são dicas que me ajudaram. Esperemos que também possam ajudá-los, queridos sacerdotes.

Abaixo publicamos a lista completa dos artigos já publicados:

1. Introdução e Pré-requisitos da pregação.

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada>

2. Decálogo de um pregador.

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--2>

3. O pregador sagrado.

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--3>

4. O pregador e os ouvintes

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--4>

5. Diferentes tipos de ouvintes.

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--5>

6. A figura do pregador (1).

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--6>

7. A figura do pregador (2).

<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--7>

8. As condições essenciais do pregador (1).

<http://www.zenit.org/pt/articles/as-condicoes-essenciais-do-pregador>

9. As condições essenciais do pregador (2).

<http://www.zenit.org/pt/articles/a-figura-do-pregador-sagrado>

10. Diferentes tipos de pregação: A homilia.

<http://www.zenit.org/pt/articles/diferentes-tipos-de-pregacao>

11. Diferentes tipos de pregação: Pregação ou discurso explicativo.

<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-ou-palestra-explicativa>

12. Diferentes tipos de pregação: Pregação ou discurso persuasivo

<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-ou-discurso-persuasivo>

13. Diferentes tipos de pregação: Pregação ou discurso emotivo.

<http://www.zenit.org/pt/articles/o-discurso-emotivo>

14. Diferentes tipos de pregação: Pregação ou discurso demonstrativo.

<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-ou-palestra-demonstrativa>

15. Diferentes tipos de pregação: Pregação ou discurso apologético.

<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-ou-palestra-apologetica>

16. Diferentes tipos de pregação: Pregação meditada diante do Santíssimo

Sacramento.

<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-meditada-diante-do-santissimo-sacramento>

sacramento

17. Diferentes tipos de pregação: Pregação de um Panegírico.

- <http://www.zenit.org/pt/articles/panegirico>
18. Diferentes tipos de pregação: Pregação de um Retiro espiritual mensal.
<http://www.zenit.org/pt/articles/retiro-espiritual-mensal>
- (1). <http://www.zenit.org/pt/articles/a-pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos>
20. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (2). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-2>
21. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (3). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-3>
21. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (4). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-4>
22. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (5). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-5>
23. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (6). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-6>
24. Diferentes tipos de pregação: Pregação dos exercícios espirituais inacianos
- (7). <http://www.zenit.org/pt/articles/pregacao-dos-exercicios-espirituais-inacianos-7>
25. Pregações circunstanciais (1): batismo, casamentos, exéquias.
<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-pregacao-sagrada--8>
26. Pregações circunstanciais (2): uma festa, apresentações, brindes.
<http://www.zenit.org/pt/articles/pregacoes-circunstanciais>
27. Técnicas da forma interna de apresentar as ideias: Concreção, visualização, desenvolvimento, dramatização e comparação dessas ideias.
<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-nossa-pregacao-sagrada-visualizacao-a-dramatizacao-e-a-comparacao-dessas-ideias>
28. Técnicas de forma externa de apresentar as ideias: grafismo, estilo e ritmo oratório.
<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-nossa-pregacao-sagrada-as-tecnicas-de-forma-externa>
29. Resumo da expressão oratória (1).
<http://www.zenit.org/pt/articles/como-melhorar-a-nossa-pregacao-sagrada-resumo-da-expressao-oratoria>
30. Resumo da expressão oratória (2).
<http://www.zenit.org/pt/articles/resumo-da-expressao-oratoria-parte-ii>
31. A preparação prática da pregação (1).
<http://www.zenit.org/pt/articles/a-preparacao-pratica-da-pregacao>
Caso queira se comunicar com o Padre Antonio Rivero pode fazê-lo por este e-mail: arivero@legionaries.org
(Trad.TS)